campas e Jesus descer do céo ao lado de seu pae para os julgar, premiar os bons e condemnar os máus.

Examinemos pois o que uma philosophia sem preconceitos póde conservar dos dogmas quer da resurreireição individual de Jesus, quer da resurreição universal dos mortos e do juizo final.

V

A RESURREIÇÃO

A resurreição geral que ha de preceder o juizo final só teve opportunidade nos primeiros tempos do christianismo, quando se julgava proxima a segunda vinda de Jesus. Muitos dos seus contemporaneos haviam de ainda existir, e dos mortos os cadaveres ainda inteiros estavam promptos ao mais leve sopro divino a se precipitarem dos sepulchros. Mas desde que as esperanças esmoreceram; desde que o prazo do fim do mundo se alargou, a attenção teve de se fixar no dogma para o accommodar ao novo estado das crenças. Ora desde que a reflexão se apossa de um milagre, altera-o, decompõe e annulla porque descobre as incompatibilidades e absurdos que envolvia em sua essencia.

Primeiro o prodigio ampliou-se. Os cadaveres já estavam corruptos, os ossos descarnados; mas as trombetas celestes viriam chamar a carne aos ossos. Foi porém mister fixar o que tinha de vago a idêa da resurrei-

ção, determinando em que época da sua vida o homem devia resuscitar; mas duvidava-se que a quantidade da materia organica existente bastasse para reconstruir a totalidade do genero humano, e temia-se que mesmo para épocas escolhidas as mesmas moleculas não tives-sem pertencido a diversos individuos. Depois o numero immenso de resuscitados tornava estreito qualquer theatro para a tremenda sentença; e as pinturas apocalypticas e propheticas só se sustentavam á força de allegorias e de violencias feitas ao sentido litteral dos textos.

O valle de Josaphat, que uma intelligencia viciosa de Joel convertera em um valle especial da Judéa, reassumia a sua primitiva natureza metaphorica e symbolizava o mundo como o tribunal dos juizos de Deus, o campo em que se manifestam os seus designios—; e o livro da vida transformou-se na consciencia do individuo ou na providencia divina.

Finalmente repugnava que o homem estivesse na incerteza do seu destino até ao dia supremo, e a Egreja viu-se obrigada a decretar para cada um, logo depois da morte, um juizo particular, o que tornava inutil o juizo universal, reduzindo-o a um apparato pueril, a uma satisfação dada ao publico sem fim algum moral.

Em quanto o estado do homem até ao juizo final não foi definitivo, o espectaculo da vinda do soberano juiz, bem que já enfraquecido por mil interpretações allegoricas e moraes, tinha certa razão de ser. Desde que se fixa o destino do homem immediatamente depois da sua morte, o dogma necessariamente caduca.

Mas não é só a resurreição universal que se oppõe

ás leis da razão, a resurreição de qualquer individuo considerada relativamente ao corpo e á alma, não se concilia com as sãs doutrinas da physiologia e da psychologia. A morte sobrevem sempre porque algum dos orgãos essenciaes do organismo se torna incapaz de funccionar; mas não basta concertar o orgão para que a vida se recupere: é mister que se renove o movimento vital; que se reproduza o impulso primitivo e a tendencia á sua continuação, que alimentava o corpo animado e dava actualidade a todas as suas funcções.

Resuscitar um morto, é, pois, restituir ás moleculas tendencias e movimentos que ellas haviam perdido; e a natureza do facto não muda, quer a extincção da vida seja recente, o cadaver se conserve ainda inteiro, quer para se reconstruir o organismo se tenha de ir buscar elementos a estranhas combinações; porque a essencia vital não reside n'essas moleculas que no ser vivo incessantemente circulam e se renovam, mas nas tendencias e forças que ellas adquirem desde que entram no corpo animado.

Mas a vida não é fluido que se expraie, liquido que se transborde, chamma que se communique, a vida é uma força inherente e inseparavel da materia; restituir a vida a um cadaver não é portanto transportar a vida de um organismo para onde havia fugido, para outro que ella havia deixado, é realmente dotar moleculas de forças que tinham cessado de existir, é realmente criar; e resuscitar equivale, em toda o rigor da expressão, a criar um novo animal. A analyse da idêa da resurreição, relativamente á alma, é mais delicada e exige mais seria attenção.

Quando reconhecemos que a cada um dos nossos pensamentos, a cada uma das nossas idêas e das nossas tentações corresponde uma modificação corporea, quando reflectimos que as nossas faculdades se desenvolvem com a nossa organisação, e se alteram e desfallecem com ella; quando com a morte e a dissolução cadaverica vemos desapparecer todos os vestigios externos da pessoa que nos retribuia os affectos, ficando-nos della só no coração uma saudosissima memoria, assalta-nos a desconfiança que o individuo humano é destinado a perecer, que a crença na immortalidade do nosso ser é uma pura illusão.

Estamos ás portas do materialismo. Mas essa doutrina, com quanto falsa por incompleta, será para muitos salutar. — E' desviando do espirito as idêas vagas da alma, das forças occultas e mysteriosas, que o anatomista penetrará mais profundamente nos reconditos do organismo animal, analysará mais perspicazmente os factos e ligal-os-ha em mais claros systemas que lhe sirvam de alavanca para futuras descobertas.

Deixando-se seduzir pelos fogos fatuos da psychologia, vagueará eternamente nos confusos meandros do animismo e do vitalismo em que por tanto tempo se acharam envolvidas e em que ainda hoje talvez sintam os movimentos embargados, as sciencias anthropologicas. Pois entre a psychologia e a physiologia não póde haver acôrdo real: e só se conciliam e confundem perdendo os seus mais preciosos attributos que as extremam e ao mesmo tempo as fecundam e nobilitam.

Ao raiar da sciencia, a consciencia, a alma, a vida,

são identicas, e retratam-se principalmente na respiração e no sôpro vital.

Expirando em morte violenta Turno, separa-se-lhe do corpo a alma envolta em sangue.

Purpurêam vomit ille animam.

Aqui a substancia psychologica é um corpo, um corpo aéreo capaz de mil fórmas, que se nos retraça nos sonhos, em uma imagem querida, apparecenos nas solidões em medonhas visões, vagueia nos cemiterios por sobre os sepulchros e póde até ser evocada do Averno.

D'este estado gazoso ou fluido da alma lhe vieram os nomes de Psyché, Spiritus, Animus e Anima, que significam Sôpro.

A attenção, aclarando porém a razão, destaca da parte sensitiva e vegetativa da alma, a intelligencia, a mente, dando-lhe uma natureza superior, e destinando-a á immortalidade, quer tenha de absorvel-a na universalidade do mundo, quer lhe conserve a consciencia individual e a introduza na sociedade dos anjos e de Deus. O corpo apparece aqui como um carcere de que a alma aspira a libertar-se para gozar a plenitude de suas faculdades; e a consciencia nos espiritos puros conserva um conteúdo, porque os productos da phantasia e da sensação são substituidos pelas especies intelligiveis, mediante as quaes as almas separadas enxergam directamente o universal, os entes espirituaes e os proprios principios da razão.

Essa maneira commoda, mas pueril, de conceber a nossa vida extra-mundana, não supporta séria analyse. As especies intelligiveis se condensaram e com ellas se foram encrustando e materialisando os espiritos. Já no tractado dos Anjos de S. Thomaz (a parte peor da Summa) se notam aberrações lastimaveis, mas os desvarios subiram de ponto nos philosophos posteriores. As especies se destacaram dos universaes como os idolos de Epicuro se separavam dos corpos, e com justa causa Euler mofa dos escolasticos, que perguntavam ingenuamente quantos anjos cabiam na ponta de uma agulha! Emfim, Descartes veio, e uma barreira invencivel se estabeleceu entre a materia e o espirito pela opposição das suas essencias: residindo a da primeira na extensão, a da segunda no attributo de pensar.

Esta doutrina, que tão admiravelmente delimitava os dous mundos, deixa no vago a natureza intima do espirito, e tira-lhe a luz da experiencia prohibindo-lhe de aferir as suas faculdades pelas que na actualidade logra a nossa alma ligada ao corpo.

Por isso a noção do espirito se foi obliterando ainda. Euler compara as idêas das almas separadas ás que temos nos sonhos. Mallebranche confunde a immensidade da extensão com a immensidade do ser supremo; para Clarke o espaço é o censorio divino, e os dous attributos oppostos da extensão e do pensamento vão-se reunir no Deus de Spinosa.

E' verdade que a immensidade de Malebranche se confunde com o infinito puro, a extensão de Spinosa não é a extensão da phantasia, é uma extensão intelligivel, só accessivel á razão; mas todas essas subtilezas, embora muito mais profundas e significativas do que as dos escolasticos, mal serviam aos dois grandes philosophos; contra as objecções de Arnaud e de Vries, antes reve-

lavam o vicio do systema que precisava todo o vigor do talento psychologico de um Leibnitz para não cahir no abysmo.

Leibnitz faz da alma e do corpo um todo indissoluvel sem copiar as idêas de Origenes; antes vendo muito mais longe que elle, repete-lhe, sem o citar, as suas palavras: « Espirito puro só Deus. »

Aristoteles havia feito da alma a fórma substancial do corpo; os escolasticos adoptando a definição, sophismavam-a e dilaceravam-a com a idêa das almas separadas: Leibnitz aceita a definição e rejeita a idêa das almas separadas, que, segundo pensa, conduz ao materialismo.

A alma não póde subsistir sem o corpo. A morte não será portanto, n'esse systema, a sahida da alma do corpo, nem a sua transmigração para outro organismo. A alma não é cousa que se introduza em um corpo, ou que d'elle se expulse. A morte, ou antes a vida futura (pois a immortalidade nos é garantida) consistirá unicamente em uma modificação do nosso modo de sentir e na cessação das relações com este mundo visivel. Aqui toda a resurreição se torna absurda.

Para que a virtude de Christo erguesse Lazaro do sepulchro, era mister que a alma do defuncto desertasse o novo corpo que já revestira, e entrasse outra vez no cadaver que havia deixado. Uma resurreição exige uma morte! O caso não seria só ridiculo e monstruoso, seria incompativel com a natureza da alma; para o acceitar é preciso volver ás almas separadas dos escolasticos, ou antes aos espectros aeriformes dos tempos primitivos.

Surgem graves difficuldades com a doutrina psychologica de Leibnitz, não nos faremos cargo d'ellas, só

apontaremos as que sirvam para esclarecer os dogmas que discutimos.

Se as almas não pódem ser infusas nos organismos, d'onde vem a alma ao embryão? — Leibnitz julga que foram criadas com todos os germens, juntamente com Adão. Estas almas, por assim dizer, futuras, estavam reduzidas porém ao estado puramente sensitivo, e só se elevavam a seres racionaes desde o momento da concepção do individuo que deviam animar.

E' de saber aqui que Leibnitz compõe o universo de monadas. Na materia divisivel ao infinito não se reconhece unidade; a unidade só se dá no interior de cada monada que reflecte o universo por meio de percepções confusas; e d'essas monadas, as que se elevam a Apercepção ou Consciencia reflectida, tem jus ao glorioso nome de espiritos e de almas.

Exigindo a passagem das monadas do estado sensitivo para o racional, uma intervenção extraordinaria da divindade, toda a primeira parte da existencia da alma unicamente originada para legitimar o dogma do peccado original, agora por inutil, caduca. A alma se gera pois com o embryão. E a difficuldade de novo se suscita.

Para a resolver, ou antes, definir, observemos que podemos considerar a origem da nossa alma, ou relativamente a nós, ou relativamente aos outros homens, ou relativamente a Deus.

Relativamente a nós, a nossa alma não teve origem, ou antes d'ella para nós data tudo que existe. Se o porvir nos offerece uma existencia sem fim, por seu turno o passado decompõe se desde o primeiro despontar da

sensibilidade até ás actuaes concepções, em — uma serie incommensuravel de momentos, inexgotavel pela mais porfiada meditação.

E esse tempo anterior a nós, que nos pintam, não existiu, nem existe para nós, senão por suas consequencias hodiernas, as quaes são menos o resultado d'elle do que obra de uma divindade que nos é contemporanea.

Relativamente aos outros homens uma alma estranha não se origina, manifesta-se nos movimentos instinctivos ou voluntarios do feto.

A fecundação do ovulo compõe-se de uma serie de factos materiaes que prende á immensa cadêa dos phenomenos physicos, e não é effeito de forças sobrenaturaes em estado latente, de idêas sem consciencia, como pretende o dynamismo hegeliano de Burdach.

O embryão apresenta-se-nos como um producto do organismo materno; e só lhe suppomos alma desde que apparece como um individuo distincto de sua mãe. Entre os movimentos que nos revelam a alma do infante e a origem d'ella, póde mediar um espaço para nós indeterminavel.

Ora unicamente podemos exigir que nos apontem o momento da manifestação da alma e não a sua origem, que sendo um successo sem relação alguma comnosco, não póde ter para nós nenhuma significação.

Para Deus tambem nenhuma alma se origina no tempo; porque para Deus não ha tempo. Deus vê em um
só jacto cada alma na totalidade da vida d'ella que não tem
fim. Não é uma idêa que brilhe subitamente á intelligencia
divina, é uma noção inherente á sua existencia eterna.

Estas considerações talvez não satisfaçam ninguem.

Mas lembrem-se que em qualquer questão é sempre grande vantagem determinar o que nos é licito saber, para nos não cançarmos incessantemente em infructiferos esforços ¹.

Depois da origem da alma caberia tratar do seu destino, mas como é assumpto ligado á doutrina dos premios e das penas, releva trazer aqui o que resta a dizer sobre o dogma da justificação; e como esta está symbolisada no pão eucharistico que recebe o peccador absolvido, d'ella tractaremos conjuntamente com os dogmas da transsubstanciação e da eucharistia.

VI

DA EUCHARISTIA

O dogma que justifica o peccador pela efficacia da morte do Christo, foi realmente um retrocesso para os tempos barbaros ou poeticos de que já fallamos. Pois

^{1.} Para actarar o texto accrescentamos o seguinte: — Alguns naturalistas pretendem que a vida existe em quantidade fixa no Globo, circulando de uns para outros individuos. Esta opinião liberta dos preconceitos vitaes reduz-se ao incontestavel principio de Descartes, que a quantidade de movimento não varia; — que o movimento transita e não se perde; todos os movimentos do animal, desde a sua concepção até á ultima decomposição do seu cadaver transmittem-se para fóra e foram de fóra recebidos.

Os movimentos voluntarios, a formação do feto, a producção dos organismos primitivos não são excepção a esta regra. São devidos a puras communicações do movimento tão regulares, tão mechanicas como o choque dos corpos. Póde ser que nunca a sciencia alcance explicar «mechanicamente» esses factos; mas deve incessantemente tental-o. O mundo dos espiritos e o mundo da materia regem-se por leis differentes: um, pelas causas finaes, o outro pela communicação do movimento; coexistem, mas são parallelos: suppôr que ha cruzamento que invadem um no outro, é introduzir na physica o milagre e o vago, — na philosophia e na religião e milagre e a superstição.

tanto os prophetas como os philosophos haviam já proclamado a responsabilidade do individuo e demonstrado a superioridade da contrição sobre o sacrificio.

Mas o symbolismo da nova religião exigia os sacramentos. D'aqui a doutrina attribuida a S. Paulo renovada no seculo XVI por Luthero.

De facto entre Luthero e a Egreja catholica não havia n'esse ponto a opposição que o Tridentino suppõe. Sómente a Egreja ligava maior importancia á parte externa, ao ritual, á figura; Luthero concentrava as vistas na parte interna e psychologica do penitente.

A' doutrina de Santo Agostinho, a que diz seguir a Egreja, desassombrada dos sacramentos que a suffocam, póde dar-se um sentido verdadeiro e philosophico. O homem nenhum bem póde fazer sem ser allumiado pela graça. O errro está em desconhecer que o homem separado do bem e do mal é uma abstracção sem consistencia, que a graça não é senão a continuação da criação, ou antes, ó effeito subsequente da acção unica e permanente de Deus sobre a criatura.

Tanto Luthero como a Egreja cahiram n'esse deploravel erro. Luthero confundia a fé com a graça. O Christo é o nosso unico guia para a virtude.

Mas será esse Christo ideal e eterno que falla a nossos corações, o verbo divino de S. João, como tambem observou Spinosa, e muito antes d'elle S. Justino Martyr?

Não.

Para Luthero, o conhecimento do Christo segundo a carne, é condição indispensavel para a virtude. Sem o Christo toda a virtude se torna impia, toda a bôa inten-

ção perversidade, porque é obra do egoismo, da natureza corrupta do homem, do proprio Satanaz.

« Quem não está comigo, está contra mim, disse Jesus; logo, quem não é remido pelo sangue do Christo, nada tem com Deus, é um filho de Belial votado ás chammas. Longe de nós as macerações, os jejuns, as lagrimas, a compunção, a penitencia, os sacramentos e os sacrificios, continuava o audacioso doutor, julgando interpretar S. Paulo; bôas práticas eram essas para os escravos da lei, proprias de corações algemados na superstição. A nós, que não somos filhos das trévas, mas filhos da luz, convém-nos um semblante risonho na presença de nosso celeste pae.

«O reino de Deus começou.

«Fomos convidados ás bodas do cordeiro immaculado; paramentemo-nos com as vestes de jubilo e entoemos canticos festivaes.»

Que podia a Egreja responder vendo assim impudentemente preconizar o que mais tarde se chamou a emancipação da carne, recebida com avidez pelos animos cançados de mortificações como aura bemfazeja precursora da liberdade civil?

Oh! se os padres então quizessem comprehender bem a divina religião do Christo e compenetrar-se do santo zelo e intenções dos prophetas, o protestantismo ficaria pulverizado e a communhão catholica não perderia a parte da Europa que tinha de dar mais alentados passos na estrada da civilisação. Mas eram incapazes desse arrojado alvitre porque exigia que se desprendessem da egidie do symbolismo.

Tem com effeito a religião christã essa excellencia

(porque é divina) que se apresenta sobranceira ao ritual e ás ceremonias, independente das formulas sacramentaes que nos ultimos extremos escusa. As tres especies de baptismo que admitte demonstram-o com evidencia, como já notamos.

O clero porém não se resignava a abandonar os symbolos, porque ia assim affectar a posição que conquistára na sociedade civil, bem que não soubesse como conciliar a necessidade da contrição e do sacramento. Mas entre o seculo XVI e os primitivos tempos do christianismo havia surgido a dialectica escholastica, adextrada com as suas argucias a se tirar desses apertados transes — e por isso foi ella que depois de ter criado o racionalismo veio, em auxilio do ritual, das ceremonias, das indulgencias, e dos jubileos.

A egreja catholica ficou pois victoriosa e Cajetano superou Luthero. E o tridentino veio proclamar ao orbe dous novos dogmas criados em tenebrosos seculos de ignorancia, o dogma da transsubstanciação e o da attrição. Emquanto os espiritos conservaram energia capaz de comprehender o alcance da logica aristotelica, o dogma da transubstanciação não se pôde estabelecer, foi mister que os termos escholasticos se tornassem meros sons, de que usavam nos exercicios dialecticos sem lhes conhecerem o valor, para que elle obtivesse a voga que perdeu, desde que pela renovação das sciencias a physica de Galileu e de Newton triumphou do obscurantismo e reduziu á essencia dos atomos o que a materia tem de substancial.

Por isso a essa sciencia se oppozeram tão tenazmente os theologos; e hoje d'elles os mais sensatos passam

quasi em silencio o proprio dogma, insistindo com preferencia nas vantagens da nossa união moral com Deus.

Ha porém ainda temerarios que se empenham em sustentar directamente tão incomprehensivel milagre soccorrendo-se a doutrinas abstrusas que interpretam com sophismas e paradoxos.

A' força de ler Kant para o refutar, Balmes sentiu-se arrastado para a esphera d'acção do grande philosopho e cahiu em um idealismo proximo ao de Malebranche e de Berkeley. Não se dá relação necessaria entre o mundo material e as nossas percepções. Tudo ahi é contingente e arbitrario. E a permanencia das apparencias compadece-se com a mudança da substancia e da essencia do ser e até com a sua destruição.

A palavra do celebrante annulla a substancia do pão e do vinho; do alto dos céos o Verbo derrama nas almas dos que se approximam da santa meza, por toda a superficie da terra, a graça que santifica e nos seus corpos produz as modificações que lhes daria o pão destruido.

Vê-se que todo o milagre se reduz aqui á destruição da hostia, a qual fica ainda assim bem pouca cousa quando se abraça com rigor o idealismo.

A doutrina que substitue a acção divina immediata ás forças da natureza póde ser profunda e verdadeira; d'ella se serve Leibnitz no mesmo assumpto que Balmes, mas com menos detrimento que o philosopho hespanhol, porque como lutherano não tinha que defender a transubstanciação.

De facto o idealismo, se não legitima a intervenção desordenada de Deus no mundo, pelo menos aclara, ou

antes, annulla o mysterio eucharistico quando pretende que elle consiste em existir, sob as especies visiveis do pão, conjunctamente com o pão tambem o corpo e a alma de Jesus; não traz porém luz alguma ao dogma da transubstanciação, que não é uma simples illusão psychologica, é uma verdadeira mudança de duas substancias reaes uma na outra.

Para o explicar De Maistre atreve-se a seguir a particula sagrada no interior do nosso corpo até ao mysterioso reducto em que se unem a vida e a alma.

Deixemol-o descançar n'essas trévas extasiado na belleza obsoleta da doutrina das duas almas, de que não póde surdir cousa que valha, e voltemos para Rohrbacher que nos captiva pela louçania das suas idêas mais modernas. Depois de encarecer as excellencias da união moral, deixa-se arrebatar pelo amor, a cujas vistas o sanctuario não tem vêos. Pois o mysterio é todo amor, e para o esclarecer aproveita e torce com todo o desenfado as idêas de certas escolas physiologicas:

« O trigo e a vinha convertem na sua propria substancia a substancia da terra; o homem muda na propria substancia a substancia do pão e do vinho. Com esta mysteriosa transformação a substancia da terra no seu estado naturalmente insipida, sem côr, toma certa vida, certa belleza, certo sabor. O pão e o vinho adquirem no homem vida, não só animal, senão racional. A causa d'esta sobrenaturalisação progressiva consiste na existencia de um principio mais sublime na planta que na terra, mais sublime no animal que na planta, mais sublime no homem que no restante das creaturas terrenas. Quando pois uma analoga transubstanciação converte o

pão e o vinho no corpo e no sangue, não já de um simples homem mas de um homem-Deus, elles participam necessariamente de uma existencia divina e tornam-se espirito e vida. » (Hist. da Egreja Catholica, tom. 4.°, pag. 119).

Vendo este trecho ninguem estranha já os elogios dados a certo padre que comparava a transubstanciação eucharistica com a assimilação no vegetal e no animal. Mas o que era aceitavel no seculo XII não póde ser admissivel no seculo XIX.

Se a substancia, ou antes, a fórma substancial da planta e do animal residem no que n'elles permanece, na sua figura e no systema das suas funcções, os elementos que de fóra recolhe, embora alimentem os seus orgãos e contribuam para as manifestações vitaes, não são por modo algum a substancia da planta e do animal.

Nem se póde dizer que penetrando um corpo organico, os elementos fiquem possuindo vida; antes é a vida que os possue, que d'elles se apodera, os prende, os agita, os volteia em incessante movimento sem os deixar ceder a suas affinidades electivas.

Os átomos de carbonio, de oxygenio, ou de azote, não se transmutam uns nos outros, permanecem perennemente identicos a si mesmos, quer se fixem e nutram os seres vivos, quer volitem soltos nos espaços.

Molecula nenhuma, por mais nobre que seja o orgão de que forme parte, se torna sensivel ou racional. Porque não é o corpo, é a alma a unica que sente e cogita.

Mas aqui o supernaturalista dá a mão (caso singular) ao atheu; e o medico materialista empresta a sua linguagem ao theologo.

E' portanto patente o absurdo do dogma da transubtanciação; e se—como sustentam os que pretendem que é elle a continuação do sacrificio do homem-Deus que se offerece, mas de um modo incruento, ao seu pae celeste para nos resgatar—tem o mysterio ligação intima com a incarnação do Verbo; é porque o proprio mysterio é o absurdo do dogma posto em relevo, levado á primeira intuição. E todavia a transubstanciação tem razão de ser e se justifica facilmente pelas idêas já por vezes n'este livro emittidas, de se materialisarem as crenças em symbolos grosseiros, em figuras externas, desde que o espirito se torna incapaz de as conservar nas puras regiões da moral.

Para o fiel da edade média a devoção e a solemnidade da adoração da missa annunciavam a presença de Deus, como as concepções arrojadas da architectura gothica, erguendo-se em arrendados obeliscos, a luz mysteriosa das ogivas espalhando-se nas vetustas naves dos templos, as pompas das ceremonias, a musica dos orgãos e os canticos dos coros destacavam-lhe a alma da terra e faziam-lhe entrevêr os céos. A egreja era verdadeiramente a côrte celeste. Lá fóra na terra reinava a desordem, a violencia e a força. Transpondo os umbraes sagrados tudo se purificava. O criminoso ficava incolume. O monarcha depunha o sceptro, o guerreiro a espada. Dominava unicamente o padre, e acima do padre, Deus. Por vezes esse Deus penetrava na alma do

crente, e a lançava em suaves deliquios de amor que lhe prostravam os sentidos, como mais tarde de si refere Santa Thereza; n'outras o fiel fascinado via a hostia consagrada cobrir-se de miraculosos fulgores, e o Christo resuscitado subir do altar aos céos, como outr'ora do sepulchro o viram ascender as santas mulheres.

Depois de tantos e tão repetidos documentos, quem se atreveria a negar que durante a celebração do augusto mysterio não estivesse no templo Jesus em corpo e alma, e que o sacrificio da missa não fosse a continuação do sacrificio da cruz?

Debalde Berangario, encostando-se aos Ambrosios, aos Agostinhos, aos Erigenas, pretendia dar ao dogma um sentido mais racional ¹.

Os anathemas choviam-lhe dos concilios e obrigavam-o a retratar-se; e a heresia só conseguia inthronisar o culto do festejado sacramento.

As visões de Santa Juliana podiam mais que as razões do enfatuado doutor, e o milagre de Orvieto ² terminava as hesitações de Urbano IV, e uma procissão, a do Corpo de Deus, com pompa inaudita se espalhava por todo o orbe christão.

Instituida a nova procissão, cada paiz adornou-a com o que tinha mais precioso nas suas tradições, e a festa religiosa tornou-se festa nacional, e o amor pela patria

1. S. Agostinho declara absurdo o tomar-se á letra as palavras sacramentaes:

^{*}hoc est corpus meus», fundamento do dogma da transubstanciação.

2. Uma devota viu uma brecha na lua, e meditando no caso, percebeu que a lua era a Egreja, e que a brecha significava a falta que fazia á religião uma festa destinada especialmente a celebrar o mysterio da incarnação. O milagre de Orvieto é o seduinte: — Um padre, celebrando n'essa cidade, deixou cahir do calix algumas gottas sobre o corporal. O corporal appareceu logo ensanguentado, e assim se mostra ainda aos fieis.

celeste augmentou de todo o amor que o povo dedicava á sua patria terrestre.

O materialismo das crenças redobrou com todo esse apparato; a religião tornára-se toda terrena como o papa se tornára guerreiro e rei, como os bispos se haviam tornado senhores feudaes.

Sem essa exuberancia do symbolismo supersticioso que o ligava ao solo, o dogma da transubstanciação se houvera evaporado, e aos brados com que Luthero destruia o livre arbitrio e o merecimento humano em nome da revelação e do merecimento de Christo, teria respondido o racionalismo, proclamando os direitos da liberdade, da dignidade humana com mais energia do que outr'ora o haviam feito Pelagio, e em breve o virão fazer Fonseca, Molina e mesmo Socino 4.

Por outro lado Luthero carecia do vigor de engenho necessario para produzir obra duradoura. Com mais sagacidade, partindo da reducção da contrição e penitencia em conversão do peccador para o bem, teria chegado á doutrina criminal de Gans, mas era pouco affecto a especulações philosophicas. Limitava-se á escriptura sagrada e a Santo Agostinho, não pretendia racionalisar o dogma do orgulho humano e desassombrava a Egreja das paixões terrestres em que a via submersa, por isso só conseguiu fazer brecha na parte caduca do catholicismo, e fundar uma nova seita, a principio fanatica, intolerante, depois vacillante e fraca que parece pres-

^{1.} Não confundamos os tres theologos. O ultimo foi o precursor de Locke (vide Leibnitz); os dous primeiros não desceram tanto, mas não se souberam livrar dos enredos escolasticos nem das ambages da fé. O livro de Molina «De libero arbitrio» não se póde lêr. Mostra-se muito menos discursador do que interprete da Escriptura. Suppõe-se que Fonseca fôra o verdadeiro author da doutrina molinista.

tes a definhar, e as chaves do céo ficaram ainda confiadas ao antigo pastor.

Por duas vezes contra Luthero e Jansenio a Egreja defendeu victoriosamente a razão e a liberdade, pretendendo-as conciliar com a necessidade dos sacramentos e da fé.

Mas a razão é mais forte que Luthero e Jansenio, e os argumentos que venceram a heresia não podem abalar o philosopho.

Se a contrição justifica, de nada serve o sacramento; proclame-se pois a sua inutilidade, brada a razão. — Isso nunca, diz a Egreja, aceitemos a contrição e o sacramento, porque a contrição é raro completa. Quasi sempre é imperfeita, é uma simples attrição que só justifica o peccador mediante o sacramento.

Condescendamos com a fraqueza humana, contentemo-nos com essa attrição, engolphemo-nos na moral jesuitica, e tapetemos de velludo o caminho do céo. Tenham quantas virtudes quizerem, jejuem, flagellem-se, orem e penitenceiem-se, mas saibam que tudo se póde substituir com indulgencias, bullas, esmolas com que Roma se locuplete.

Tal é a doutrina do concilio tridentino que se atrevem a proclamar um primor d'arte! E'-o devéras, mas de habilidade padresca.

Essa contrição imperfeita, essa attrição a que re-

corre a Egreja, em que consiste?

A attrição é a compuncção que sente o peccador, não pelo amor de Deus, mas pelo temor do inferno. O conhecido distico dizia: « Oderunt peccare boni virtutis amore, oderunt peccare mali formidine pænæ. »

A Egreja converte o máo em bom mediante o sacramento. O homem sacramentado e justificado ha de necessariamente ter a contrição e o amor do bem, negal-o seria pretender que se póde entrar no céo sem amar a Deus.

Se o amor de Deus é todo produzido pelo sacramento, a attrição não tem valor, não havia em nós predisposição para o bem, não havia graça sufficiente, e cahe-se pelo menos no jansenismo.

Para a apparição da contrição na alma não deve pois só contribuir o sacramento, é mister que concorra tambem a propria attrição. O sacramento facilita a transformação, mas a attrição póde de per si converter-se em contrição; ha entre estes dous affectos um principio divino commum, é o que sustentam os theologos, que affirmam que na attrição já ha o amor de Deus.

Mas a doutrina é falsa. Temer as penas do inferno é temer a dôr, tendencia natural ao homem, mas que nada tem do céo. A graça, o influxo divino, o sentimento moral só apparece com o amor do bem. Sustentar o contrario é precipitar-se, como já dissemos, no materialismo e no epicurismo.

Aqui se patentêa uma grande verdade. E é que todas as superstições se encadêam, d'onde se deduz a necessidade de ser inexoravel com ellas.

O dogma supersticioso da existencia do demonio e do inferno conduziu fatalmente ao dogma immoral da attrição, que sem elle nunca se produzira; examinemos pois á luz da razão esse dogma, ou antes, perscrutemos os destinos que estão reservados á alma humana depois da sua vida terrestre.

VII

A VIDA ETERNA

O mal não tem essencia real. Não tem causa efficiente, mas só deficiente. Procede da imperfeição da criatura, é a condição do seu progressivo aperfeiçoamento. Temse constantemente comparado o mal ás trévas, e o bemá luz.

Deus, o summo bem, a luz na sua essencia, no seu foco, vê todas as cousas pela sua face luminosa. Deus não póde conhecer as trévas, não póde conhecer o mal. Para Deus todos os entes são bons, como o attestam o Genesis e Platão. E' porque toda a criatura tende ao seu fim, que é o seu bem; que é o verbo que a resume e define; e a idêa que Deus tem da criatura abrange a todos os seus estados, desde a sua origem até á completa realisação de seu destino.

Nós porém só temos das cousas, um conhecimento fragmentario e successivo; e as diversas phases que d'ellas percebemos não se reunem a nossos olhos em uma perfeita harmonia.

Deus, d'onde irradia toda a luz, todo o bem, só contempla das criaturas a realidade que d'elle precede e que lhes dá o ser; desviados d'esse centro luminoso nós cremos as mais bellas disposições, desordem e confusão, e parecenos que os diversos seres se embaraçam mutuamente e projectam uns sobre outros maleficas sombras.

De facto essas sombras não existem. Provém do máo ponto de vista em que nos collocamos, que nos não deixa contemplar o universo na sua realidade completa, na sua finalidade, na sua perfeição.

Comtudo a distincção entre o homem bom e o homem máo não é illusoria. Todos caminham para o bem, mas não com igual diligencia. E os retardatarios, os inertes, os operarios da ultima hora são os reprobos e os malditos. Depois, o homem que pratica o bem possue a consciencia de marchar para o seu fim e põe a sua acção em consonancia com a de Deus; o máo é fatalmente impellido pela mão da Providencia, e com quanto contra a força que o impelle sejam impotentes os seus esforços, a sua intenção não está unificada com a do criador.

Primeiro, o homem perverso semelhar-se-nos-ha a um nadador que resiste á impetuosa torrente. Elevando-nos na especulação, veremos que esbraceja em vão, porque a torrente o arrebata. Subindo ainda um degráo, reconheceremos que as proprias acções do máo contribuem, como os outros factos do universo, para o Bem, e que o máo não differe do bom senão pela disposição interior da sua alma.

Este modo de considerar o mal moral abrange egualmente a dor, e, em geral, a todas as imperfeições que nos acanham. A organisação social e humana figura-senos uma machina que se vai paulatinamente aperfeiçoando. O trabalho perdido, os desperdicios, são o mal.

A principio o trabalho util é apenas uma pequena

fracção do trabalho total. Cada victoria, cada lucro custa dores, custa lutas barbaras, mil desordens, mil vexames e sacrificios. A fracção porém vai gradualmente crescendo, sem comtudo attingir a unidade; as mesmas vantagens se logram já com menos esforços, sem que esses esforços se anniquilem; porque sempre se darão resistencias passivas, inherentes á inercia da materia dos seres criados, porque nunca seremos puros espiritos, porque em nós nunca serão identicos a vontade e o poder.

Na eternidade e para Deus tudo é bom: no tempo, na successão caminhamos incessantemente para o Bem, sem nunca o podermos attingir, mas minora-se continuamente o mal.

D'estas considerações segue-se que ninguem póde offender a Deus; que Deus não tem iras, não tem castigos para o peccador; que Deus nem é carrasco nem juiz.

Os doestos dos impios param na agitada atmosphera da successão, não se elevam ás regiões do eterno; se uma injuria vil não póde attingir a alma generosa, como hão de as blasphemias dos perversos chegar á serenidade do Omnipotente? As vistas de Deus penetram até aos ultimos confins do mundo, mas só para ahi descortinar o bem e lançar as sementes da sua graça efficaz; o mal é-lhe totalmente inaccessivel.

Mais:

Não ha doestos, não ha blasphemias dirigidas á divindade. Ninguem quer offender a Deus. Spinoza diz: «Ninguem odeia Deus.» Póde-se tomar um gozo transitorio e nocivo por um bem permanente e fecundo;

póde-se attribuir forças chimericas ao mal, podemo-nos irritar contra suppostas causas de nossos males apparentes ou reaes; mas nunca reputar máo, vituperar o summo bem, ou pretender lesar a omnipotencia.

Tanto vale dizer que se crê no incomprehensivel ou se ambiciona a desventura.

Resulta egualmente do que temos dito que a nossa consciencia não se extingue com a nossa vida terreste. Não podemos alcançar n'esta vida o nosso fim, porque o nosso fim é o summo bem; logo devemos além da morte ter uma existencia em que attinjamos o que n'este mundo não nos é licito.

Tal é a poderosa argumentação de Willm contra Schleiermacher. E' verdade que diz Kant: «O mal e o bem agitam-se simultaneamente na realidade, no coração humano; mas extrema-os a phantasia.»

Por um lado apresenta-nos um homem abysmandose de perversidade em perversidade, sem um resfôlego para o bem, sem uma esperança de redempção, e eis o typo do reprobo condemnado ás penas eternas.

Por outro figura o santo subindo pelo caminho das sublimes virtudes, illuminado de esplendores cada vez mais refulgentes, e fórma assim o bem-aventurado, o que foi predestinado á gloria.

Ora não se póde demonstrar que essa distincção tenha realidade fóra da intelligencia que a produziu.

Mas aqui o paralogismo é manifesto. Pois se despojando o homem de todo o bem o reduzimos á essencia do mal, á idêa do proprio Satanaz, isto é, a um ente contradictorio, e impossivel; depurando-nos de todo o mal, erguemo-nos ao sanctuario da virtude e identificamo-nos com o summo Bem, isto é, com a Realidade na sua plenitude.

Se por tanto passar da idêa do summo mal para a sua realidade, não colhe, é licita a illação relativamente á idêa do summo Bem, e esta observação torna-se importante, porque liga a demonstração precedente da immortalidade da alma com a que nos fornecem Platão e Spinosa.

Aspiramos todos a um fim, que é a idêa que possuimos do summo bem, e essa idêa que se alarga e aperfeiçôa progressivamente, só póde ser a idêa que de nós tem Deus, idêa archetypica, causal, efficiente de nós mesmos, essencia eterna do nosso ser. Porque as idêas divinas não morrem, são eternas como a substancia em que residem, e a immortalidade do nosso individuo é tão segura com a do seu auctor. O nosso individuo, em quanto eterno ou na consciencia divina, é a substancia da nossa alma. Em quanto se desenvolve no tempo, é o nosso corpo animado de faculdades psychologicas. E como o pensamento divino é constantemente criador, deve á substancia da alma corresponder sempre uma consciencia phenomenal. Suppôr que a consciencia se extingue é pois suppor que Deus deixa de criar; tem portanto a consciencia que durar perpetuamente, tem que se desenvolver em uma serie infinita de momentos, de phases, de idêas, de sensações.

Assim a successão infinita, a serie infinita, o numero infinito é a tradução do mundo criado na eternidade da consciencia divina.

Se ao eterno e permanente se oppõe o successivo e o criado, n'este se distinguem a consciencia, o que existe

simplesmente no tempo, e o que se estende no espaço, como os phenomenos materiaes.

Estas duas ordens de factos constituem dous mundos parallelos, harmonicos, juxtapostos, mas incontrovertiveis entre si; os successos não passam de uma esphera a outra, e são regidos por leis distinctas.

Na consciencia reinam a fatalidade logica e as causas finaes. Na materia dominam exclusivamente as forças mechanicas. E essas duas ordens de factos esgotam toda a investigação scientifica que não alcança o absoluto e o eterno.

Deus comtudo não está fóra do universo, penetra-o do seu sopro criador e a distincção precedente vem da impotencia do entendimento humano que substitue á unidade real, a harmonia da pluralidade na theoria das faculdades phychologicas e no mechanismo do mundo material.

Deus apparece assim unicamente á reflexão, na harmonia e na ordem da totalidade, e as explicações que suppunham a sua immediata intervenção no mundo vão cahir no dominio da superstição.

Assim a Sciencia tende a substituir a criação instantanea da materia, pela circulação perpetua dos atomos; a formação contemporanea dos diversos organismos cede á formação mechanica da cellula primordial, á doutrina de evolução do germen e á da successiva transformação das especies; finalmente a infusão milagrosa da alma no individuo, troca-se pelo desenvolvimento progressivo do organismo que a reflecte e manifesta.

Se a explicação mechanica do mundo se completasse, Deus desappareceria dos factos individuaes e o espirito seria escravisado pela materia, mas assim como o divino nos sentimentos se patentêa na impossibilidade d'elles se exprimirem em formulas racionaes, assim tambem
a presença de Deus na materia traduz-se em não poder
o entendimento construir mechanicamente o mundo, de
carecer para terminar esse edificio scientifico de uma
infinita serie de factos que transcendem a phantasia.

D'esse modo o atomismo suppedita-nos uma construcção phantastica do mundo a qual é como um ideal de que a sciencia se empenha incessantemente por se approximar.

Já notamos o caracter indeterminavel com que se apresenta o problema da origem da alma. Bem que o embryão se desenvolva mechanicamente, não se póde assignar o momento preciso em que elle se torna apto a pensar. Não é pois licito dar uma origem á consciencia e muito menos consideral-a um producto do organismo. Antes, para investigar a essencia e os destinos da alma, devemos abstrahir de tudo o que é organico e material no homem e concentrar-nos no recinto espiritual.

O corpo humano, formado mechanicamente pela fecundação do ovulo, cresce, desinvolve-se, nutre-se, torna-se independente do seio materno; continúa a desenvolver-se e a alimentar-se, e afinal caduca, fenece e morre e se decompõe em elementos inorganicos, e durante todas essas phases da sua existencia conservou-se sujeito ás forças mecanicas, unicas causas do seu engendramento, do seu nascimento, das suas manifestações vitaes e da sua morte.

A consciencia, sem que se lhe possa marcar principio ou perceber o desabrochamento, eleva-se insensivelmente dos instinctos e idêas sensiveis ao raciocinio, ás noções abstractas, á idêa de Deus que a torna verdadeira substancia, introdul-a nas regiões eternas e lhe confere a immortalidade.

De posse d'esse inapreciavel thesouro, a alma não o póde perder. Corrompa-se embora o corpo, ella continúa perenne no seu viver interior.

Não se deve julgar porém que em época alguma a alma se torne isenta de materia. A alma só póde manifestar-se á consciencia na successão por meio de idêas e de sensações. Suppôl-a desligada de um corpo é recorrer ás especies intelligiveis que dão entrada aos idolos de Epicuro e d'ahi ao materialismo.

Como apparecerá a nossa alma dotada de um novo corpo? como se operará essa nossa transfiguração?

Para aclarar quanto ser possa este espinhoso problema, façamos a seguinte ponderação: — O espaço não tem existencia real; é apenas a relação dos coexistentes ou antes a condição, o ambiente dos seres que estão entre si relacionados.

A alma portanto não conservando relações com o cadaver não póde existir no espaço com elle, e perdemos assim as esperanças de ir habitar os astros ou de volitar pelos orbes admirando-lhes o ingenhoso mechanismo. Sonhos foram estes de alguns SS. Padres, devaneios pouco santos diante dos quaes H. Martin se extasia.

Não lastimemos todavia demasiado a destruição d'essas illusões. Não passavam de entretenimentos insufficientes com que mal disfarçavam os pobres bem-aventurados o tedio que lhes causava a sua ociosidade no céo.

E para convencer o leitor, antes de proseguirmos no que a metaphysica póde apurar sobre o nosso destino futuro, lancemos as vistas sobre o que ácerca d'elle tem engenhado a superstição.

A altura dos montes incute na alma a idêa do sublime e como afasta da terra a abobada do céo. Por isso o homem é naturalmente levado a adorar a Deus nas montanhas e collocar nas regiões celestes o throno do Senhor. Com o progresso da astronomia o céo alongouse demasiado da terra para que os montes continuassem a ser a mansão dos deuses. Os cimos do Albordi, do Meru, do Olympo despovoaram-se dos numes; o Altissimo e os bem-aventurados fixaram-se no céo de fogo ou Empyreo.

Muitas paginas poderiamos encher com descripções das moradas gloriosas, mais ou menos risonhas, todas pueris mas não mais do que aquellas que lhes substituem os modernos orthodoxos quando se abalançam a discursar so-

bre o assumpto.

N'esses systemas varios céos se formaram vasados pelo systema de Ptolomeu, tal como o descrevem Dante e Camões. O Empyreo, o primeiro movel, com quanto o mais exterior de todos e por tanto o mais excelso, formava ainda assim uma mediocre esphera que pouco mais abrangia que o nosso systema planetario. O grande afastamento em que a sciencia moderna colloca as estrellas fixas umas das outras e de nós, veio augmentar prodigiosamente essa extensão.

Mas n'esta ordem de idêas maior ou menor gráo de extensão é sem importancia. E' tão ridiculo pensar que a morada de Deus está no espaço que circunda o antigo

Empyreo, como crêr que além do ambito muito maior, mas ainda assim finito em que se encerram os astros, existem regiões povoadas de espiritos puros que constituem o reino dos céos, o qual assim se vai augmentando á medida que o interior do mundo material é transposto pelas almas humanas. E tal é a opinião de H. Martin.

Ha todavia uma supremacia incontestavel sobre o antigo Empyreo no céo de H. Martin. Os céos tinham um movimento circular violento que deveria torna-los incommoda habitação. O seu ingresso era mesmo perigoso e conta-se que um philosopho approximando-se de mais da linha que une a terra lhe fora pelo movimento celeste arrebatado o chapeu. Parece que o céo de H. Martin goza de perfeito repouso e que os eleitos na sua passagem não tem que receiar nem choques nem lesões.

Outros escriptores, porém, ainda assim atterrados com as revoluções dos orbes e receiando os inconvenientes dessa agitação, propõem dar á mansão dos justos uma posição mais central.

Assim como os planetas se movem em torno do sol e fornam systemas primarios; assim excelsas estrellas gravitam em redor de astros obscuros ou luminosos, e estes em torno d'outros; d'esta arte se vão divisando centros successivos até se chegar a um centro verdadeiramente fixo em que reside o throno de Deus.

Póde pois a alma subir successivamente atravéz de diversas espheras cada vez mais serenas até á presença do Criador. Póde a alma ir-se gradualmente purificando até se desfazer toda em canticos de adoração. Pois sejam

quaes forem as roupagens astronomicas com que os revistam, a essencia dos céos espirituaes cifram-se na visão beatifica e nos canticos dirigidos ao Senhor.

O céo na idade media imitou o côro de uma cathedral; e os bem-aventurados assemelharam-se a conegos occupados em um eterno psalmodear. Por isso buscaram com tanta soffreguidão as peregrinações pelos orbes para escaparem á monotonia da sua occupação. Debalde. Em breve se extremarão os bons dos máos; e os mundos passageiros e de prova cessarão; e só ficarão permanecendo o bem e o inferno; os reprobos e os bem-aventurados.

Então o aborrecimento redobrará na mansão eterna. O proprio Deus irá adormecendo ao som do enfadonho cantochão; e depois de se ter encarnado em Siva e Vichnu para criar, volverá ao torpôr primitivo de Brahm; toda a actividade cessará no céo, e os jubilos da gloria se abysmarão em um verdadeiro nirvana. E a acção e a vida persistirão unicamente nos tormentos do inferno, no soffrimento e no mal.

João Paulo Richter viu o Christo subir aos espaços em busca de seu celeste pae. Mas nas regiões que pressuroso percorrera só achou trévas sem um raio de luz, e desceu de novo á terra trazendo no peito a descrença e a desconsolação: « Não ha Deus » — disse elle ás almas anciosas.

A esta terrivel palavra o poeta pinta-nos um quadro medonho de gritos desesperados, de lamentos e de todos os horrores de cháos. Tal é o remate fatal a que é conduzida a idêa da vida futura forjada pela phantasia e a superstição. Fazem d'este mundo um mundo unicamente de provação: aspiram a uma vergonhosa inercia. E em

vez do descanço a que miram só obtem o reino exclusivo do mal, — o inferno e Satanaz.

Felizmente não ha inferno, não ha Satanaz, porque a idêa do estado de reprobo encerra em si o principio da propria destruição. Suppor uma creatura desamparada de Deus é suppol-a completamente annullada, porque é saparal-a da causa permanente que não só a cria mas a sustenta durante toda a existencia d'ella segundo a profunda observação de Descartes.

Isolar um ser de todo o bem é reputal-o producto de causas deficientes, é destruir n'elle toda a realidade, é formar chimeras e monstruosidades absurdas, é estabelecer como principio ontologico a existencia de substancias negativas.

Taes são as conclusões que se deduzem das mais orthodoxas doutrinas sobre a essencia do mal. O inferno é um logar onde não penetra a acção divina; o reprobo é uma criatura que se afasta sem cessar de seu fim. Basta enunciar estas duas theses para desterrar esta crentaminism de supersticão.

ça para os dominios da superstição.

A persuasão que existe o inferno deriva-se com effeito da idêa epicurista, que confunde o prazer com o bem, a dor com o mal. Ora o bem é uma noção absoluta e eterna; as idêas de prazer e de dôr são meramente relativas, como ha muito demonstrou Platão ¹. Nada tem fixo e rigorosamente real. Uma mesma cousa póde causar, segundo os tempos, ora o prazer, ora a dôr; e uma sensação agradavel ou penosa é pela simples continuação atenuada.

^{1.} Primeiro no «Phedon», e depois no «Gorgias».

Embora, pois, sujeitem o reprobo a mil tormentos actuaes, muito antes da consummação dos seculos elle se terá habituado a seu estado; reflexão esta que fez dizer a um marinheiro nas viagens de Moore, que se as penas do inferno são eternas, era de crêr que elle com o tempo se fosse a ellas acostumando ¹.

Portanto, para que o castigo seja perpetuo é mister que indefinidamente recrudesça a barbaridade da flagellação; cumpre que os demonios se comprazam em atormentar os precítos. O mal não consiste pois no reino das sombras, no fogo e nos outros supplicios inherentes á constituição do inferno; mas principalmente no odio que reprobos e demonios reciprocamente se votam.

O mal existe e dura porque a caridade fallece, porque persiste e continúa a maldade. As penas eternas já não são o justo castigo dos peccados d'esta vida, são a consequencia da perversidade que transpõe o tumulo; o dogma destroe-se a si mesmo, e se o inferno não vôa para o paiz dos sonhos, emigra para o imperio da allegoria, concentra-se no peito humano, e os demonios e as furias não são mais do que a eloquente pintura dos remorsos e das paixões que excruciam e despedaçam o coração do máo.

De facto a idêa do inferno confundia-se ao principio entre os hebreus como entre os demais povos com a do sepulchro, com a d'esse abysmo, esse barathro insacia-

^{1.} Li esta anedota na «Religião nos limites da razão» de Kant, o qual narra outra que merece igualmente ser transcripta. Certo selvagem perguntara ao missionario Charlevoix porque, se o demonio era tão máo, o não matava Deus. — O pobre padre confessa que não se lhe deparou prompta resposta.

vel (sheol 1), sempre prompto a tragar os cadaveres humanos sem destincção do crime ou da virtude

Mas a inhumação com os seus ritos, actos eminentemente religiosos, descriminava-os. Os bons eram accompanhados á campa pelos lamentos e ais das carpideiras; os máos tornavam-se o pasto de cães immundos, de vermes infectos e se deixavam entregues á putefraçção. Se não era imposta como castigo, era pelo menos reputada infamante a privação da sepultura.

Os horrores da morte eram pois mitigados pela religião; e se a lei prohibia o culto dos defunctos, cercava-os de certo respeito, ligando-os á unidade nacional e fazendo-os descançar junto das passadas gerações ².

Era a morte tomada em bôa parte, bem que não distinguisse ainda aqui os bons dos máos. Mas a crença da immortalidade da alma que existia no povo, embora vaga, indefinida, e sem ser de preceito legal, como faz fé a existencia dos Sadduceos entre os doutores da lei, tendia a effectuar essa distincção. A expressão assumiu pois uma fórma mais precisa: e o seio de Abrahão, cuja lenda remontava á origem do povo hebreu, foi reservado para o remanso exclusivo dos fieis, ao passo que os impios e os idolatras destinavam-lhes os tormentos da Gehenna ou Valle de Hinnon.

^{1.} A palavra «sheol» vem de «sháel» pedir «sic dictum quod ore hiante compleri expetat — diz Buxtorfio; e cita em seu abono os prophetas Isaias e Habacuc. — Le-xicon hebraicum, verbo «Sheol.»

^{2.} Dormir junto a seus paes, juntar-se a seus paes, são expressões evidentemente synonimas, apezar da opinião contraria de Cornelio a Lapide citado por H. Martin evida futura. Este ultimo pretende achar na biblia uniformidade de doutrinas e explica o texto de um auctor com outro que d'elle differia na época e em opiniões; e toma frequentes vezes os arrojos poeticos pela linguagem pausada da sciencia. Esse modo de interpretar a escriptura é anachronico; e o judeu Spinosa, como elle lhe chama, mostrou já ha muito quanto era irracional.

O paraizo e o inferno eram extremados claramente pelo povo no tempo de Jesus; e as hyperboles dos prophetas sobre o castigo dos máos e o jubilo dos bons no futuro triumpho de Israel davam a esses successos uma feição maravilhosa e como sobrenatural.

Os Chrstãos transportaram-os realmente para uma região ultramundana. A Gehenna era primitivamente um valle perto de Jerusalem no qual Salomão edificara o altar tophet a Moloch, a quem os paes iam sacrificar os filhos, segundo a ordem dada por Jehovah a Abrahão.

O Santo rei Josias, indignado contra essa terrivel superstição, destruiu o altar e polluiu o valle fazendo d'elle deposito de immundicies e de cadaveres; para comburir os quaes se mantinha ahi um fogo perpetuo.

Isaias, no seu capitulo sessenta e seis, no qual o enthusiasmo poetico e democratico chega a seu auge, depois de cantar a victoria de Sion, termina assim: «E sahirão (provavelmente os triumphadores) e verão os cadaveres dos que se rebellaram contra mim: porque os vermes delles não morrerão e o fogo d'elles não se extinguirá. E serão objecto de asco para toda a carne.»

Está aqui manifesto o contraste entre as glorias dos fieis e a ignominia dos rebeldes, cujos cadaveres são preza do fogo do tophet e da putrefação da Gehenna. Aqui a Gehenna é ainda o valle de Hinnon; o fogo inextinguivel é o que alimentam ahi continuamente, não o que é de sua natureza perpetuo; e os vermes são simplesmente os que se engendram na putrefação.

Para o redactor do evangelho de S. Marcos e para o do Talmud, a Gehenna já não é um logar sobre a

terra, é o logar do supplicio dos máos, formado, como o inferno do Dante, antes da criação do mundo.

O fogo perpetuo é um fogo sobrenatural que abrasa os precitos sem os consumir. E os vermes já não são os vermes da podridão, mas as almas que penam nas chammas!

Para o Apocalypse o inferno é um lago de pez e de enxofre em que está agrilhoado o grande Dragão, semelhante ao poço de fogo em que se ha de purificar Ahriman.

Breve á phantasia desejosa de crenças não bastaram as exaggerações dos prophetas e as doutrinas mazdeanas, as ficções da mythologia pagã infiltraram-se no christianismo e deram ao inferno novo caracter. Os demonios transformaram-se nas furias destinadas a perseguir os criminosos.

Quasi todos os supplicios de que os poetas nos conservaram pinturas, foram aproveitados nos actos e nas visões dos santos.

As crateras dos volcões são outras tantas bôccas do Averno a que estão prezos grandes malvados como outr'ora os antigos Titans; pois é facto constante, observa Rusca 1, existirem almas damnadas que penam suas culpas espalhadas por diversos logares da terra.

Orpheu e o geometra Deiphoro que escreveu uma carta do inferno dando d'elle uma exacta descripção, acharam, ao que refere S. Macario, um digno successor em S. Sergio que se aventurou tambem n'essas medonhas regiões,

^{4.} Na sua obra intitulada. «De Inferno et statu dœmoniorum.»

A posição do inferno foi fixada no centro da terra, e mediram-lhe com todo o rigor as dimensões. Dante porém deu-lhe maior extensão.

Para o poeta florentino o reino doloroso semelhava-se a uma pyramide cuja base estava á superficie da terra e o vertice occupava o centro. Dividia-se em circulos affectos ás diversas classes de crimes; no pinaculo residia Dite, nome do Plutão que se confunde aqui com Satanaz, o qual reservava para si a tarefa de dar em pessoa o castigo aos tres maiores criminosos do mundo, Judas, Bruto e Cassio, machucando-os nas bôcas de que estava armado:

Da ogui bocca dirompea co' denti. Un peccatore a guisa de maciulla, Si che tre ne facea cosi dolenti.

INFERNO, XXXIV.

Mas a luz da sciencia em breve desvaneceu esses sombrios productos da poesia e da superstição, e o centro da terra convertendo-se primeiro de mansão dos demonios em morada dos gnomos das legendas, passou afinal a ser simplesmente o nucleo fluido do globo, vestigio do estado embryonario que lhe attribuem os geologos cosmogonistas, e perdeu assim todo o caracter infernal.

O pobre demonio teve de errar vagabundo pelo orbe; mas os dias do seu imperio haviam terminado. Já não achava corpos em que penetrar, tornando-os possessos; já não inspirava os feiticeiros e as bruxas, já não descobria thesouros, evocava os mortos ou perturbava os elementos.

O archanjo da civilisação rebatera os seus ataques contra a terra, como outr'ora S. Miguel as suas aggressões contra o céo, e aquelle que se apellidára rei do mundo, veio a se finar de inanição.

O diabo é a formula heroica e poetica do mal. A existencia do mal e o sentimento moral obriga, antes do raiar da reflexão, a consciencia religiosa a entregar este mundo á direcção de dous principios, o do bem e do mal: Osiris e Typhon, Siva e Vichnu, Ormuzd e Ahriman.

O progresso do entendimento vae enfraquecendo o principio do mal, reduzindo o dualismo ao caracter bisexual da divindade que symbolisa a força e a passividade da natureza, o criador e a materia.

O severo monotheismo dos hebreus repugnava em admittir essa dualidade em Deus por um lado; por outro o caracter supersticioso do culto de Jehovah não contribuia demasiado para aclarar a noção do bem e do mal, apezar de nossos paes terem comido do fructo da sciencia.

A vontade soberana e irresistivel de Jehovah era o bem; a obediencia cega o dever; a revolta, embora impotente, era o mal.

Deus governava despoticamente o mundo sem que o homem tivesse mais direitos de lhe pedir contas que o barro vil ao oleiro que o amassa e molda.

A bondade, a justiça, a misericordia divinas eram attributos cuja explicação Deus guardou para si. Mas a consciencia não póde ficar sempre muda. O contacto com os outros povos, e principalmente com os chaldeus, bem como o progresso da civilisação, acordaram Israel

d'esse lethargo moral, e o principio do mal destacou-se da divindade.

Deus, livre já de toda a culpa, assemelha-se mais á sagrada imagem que elle mesmo gravou em nossos corações. O principio do mal porém revestindo-se de uma fórma substancial, não assumiu um poder comparavel com o de Jehovah.

Pai de toda a impiedade, de todo o crime, Satanaz é ainda assim uma creatura divina, primitivamente pura e santa, e foi a revolta dos anjos e a sua subsequente quéda que introduziu o mal, como observa o orthodoxo poeta já citado:

S'e fu si bel com egli è ora brutto, E contra 'l suo fattore alzò le ciglia, Ben dee da lui procedere ogni lutto.

A nova geração de demonios conservou feições palestinianas. O poder de Typhon e o de Ahriman com os seus Dewas pareciam aos devotos Judeus uma injuria feita ao Ser Supremo.

Ao passo que de Babylonia os anjos que se mantiveram fieis recebiam os nomes, as jerarchias e as funcções; os nomes dos idolos das nações cananeas vencidas ou inimigas serviram para designar as cohortes diabolicas; assim Belzebub (Bel-Zebub, o idolo da mosca), Belphegor (Bel-Phegor, o idolo da morte), Asmodeu, Astarot, vieram povoar as regiões das trévas.

Outras vezes uma singular intelligencia dos livros santos criava um demonio especial.

D'esse modo a imprecação de Isaias contra Babylonia, que compara á estrella d'alva (heilel, lucifer), produziu, mediante os prodigios da interpretação anagogica, um phantastico principe do Averno (Isaias, 12, 13).

Todavia, no Evangelho, é o sceptro attribuido a Beelzebub, e distinguem-se diversas classes de demonios, das quaes uma se denomina legião.

No apocalyse entra-se em grandes detalhes sobre o formidavel Dragão; e sobresáe a mysteriosa figurado Anti-Christo. Um exame critico d'esse livro seria talvez importante, porque trata do poder concedido no futuro ao genio do mal e dos ultimos paroxismos da terra. Mas tudo n'elle é tão confuso, que os interpretes tem achado n'elle tudo o que quizeram, desde a condemnação do papa até as mais desastradas theorias cosmogonicas.

Nas epistolas de S. Pedro e de S. Judas, cuja authenticidade é de resto duvidosa, tambem não fica esquecido Satanaz: mas o seu verdadeiro imperio é na idade, no meio das invasões dos barbaros e nas ruinas da antiga civilisação.

Actualmente o seu poder está destruido, pelo menos nos paizes septentrionaes. As divindades scandinavas, com as quaes se foram confundindo os demonios, tiraram-lhes as suas qualidades mais repugnantes e temerosas; e o seu tracto tornou-se mais suave. Deixaram de ser esses asquerosos incubos originados por um versículo do Genesis e pelos livros de Tobias e de Henoch. São sylphos que habitam os elementos, genios mais ou menos maliciosos que ora enganam, ora guiam os viajantes, penetram

nas familias, sentam-se ao lar domestico; ora bemfazejos, ora nocivos. A's vezes mudam de sexo, e se apaixonam pela frauta do pastor ou pela coragem do guerreiro, mas quer melancolicos quer folgazãos, nunca se
elevam a um caracter tragico; no proprio terreno do
christianismo puro o demonio perdeu para sempre o seu
antigo aspecto tetrico, e Klopstok atreveu-se a dar-nos
em Abbadona uma biographia completa de um demonio romanesco e sentimental.

Nos paizes meridionaes do catholicismo a crença no diabo está mais aferrada. E tal sacristão existe ainda, que accendendo uma véla a S. Miguel não lhe esquece de accender outra mais pequena ao que lhe está aos pés, e talvez não se tenha achado mal com tão estranha devoção.

De resto, no seu commercio com os homens o diabo actualmente raro consegue as honras da victoria. Cahe em todos os logros, em todas as mystificações. E, se não soffre esses contratempos com uma resignação evangelica, tolera-os com uma bonhomia que patentêa quanto está degenerado do que outr'ora fôra.

Assim, depois de ser magestoso em Milton, tornou-se burlesco no caracter de Mephistopheles, até cahir na brutalidade alvar dos Hercules de Aristophanes e na ingenuidade simploria do demonio dos contos de Boccacio e Lafontaine.

Esta excursão na parte mythica das crenças christãs confirma o que já dissemos sobre o desenvolvimento da noção da justiça e da responsabilidade humana. O instincto da propria defeza, adulterado pelo egoismo refle-

ctido, cria o desejo de vingança considerado legitimo nos codigos das nações barbaras.

A idêa passou necessariamente do recinto psychologico para o terreno juridico: d'aqui os tormentos que se inflingiam ao culpado: d'aqui a vindicta da lei.

Deus, considerado como juiz e como rei, devia portanto tambem ser vingativo, devia impôr penas aos que o offenderam, penas tanto mais graves quanto a dignidade do Criador está acima das nossas mesquinhas sociedades civis.

Na actualidade porém a theoria penal julga que ao lesado se deve unicamente a reparação, que á sociedade incumbe unicamente restabelecer, quanto ser possa, o antigo estado juridico: mas reputa a vingança immoral, nem despoja o culpado da dignidade humana, nem de direito algum que lhe é inherente; e longe de o considerar objecto de odio, reputa-o digno de dô; em vez de vêr n'elle um precíto a affligir com tormentos, toma-o como um doente a sanar.

Tambem portanto a theologia moderna não póde admittir que Deus tenha sêde de vingança e deseje o mal do peccador; e as sombras e phantasmas que aterraram nossos avós, desapparecem á luz da idêa de Justiça mais claramente comprehendida. De resto, fôra ingratidão desconhecer quanto contribuiu o proprio christianismo para o triumpho da generosa theoria criminal.

A religião que proclama que toda a perversidade póde ser absolvida, que o maior peccado é desesperar da propria salvação, aniquila de facto o inferno; mas em sua dogmatica contradictoria conservando-o, põe o fiel na seguinte alternativa: — Ou meditar constantemente

nas penas eternas e para fugir d'ellas abandonar o mundo e entregar-se a estereis práticas supersticiosas e a barbaras mortificações; ou recalcar dentro do peito esse temor, dar-se á vida activa, á labutação mundana e reservar para a hora da morte a sua conversão.

E esta triste alternativa daria acaso efficacia aos conselhos da moral christà? Pelo contrario, o homem que abraça a virtude, não pelo temor do inferno, mas pelo puro amor de Deus, não espera pelo fim da vida para praticar o bem, não suspira pelas falsas alegrias da devassidão, porque julga que na satisfação interior é que consiste unicamente a ventura, não inveja o triumpho dos máos, porque crê que mesmo n'este mundo unicamente a virtude victoriosa de ruins paixões é que se póde dizer triumphadora e soberana.

Desembaraçada pois a nossa alma de vãos terrores, prosigamos na investigação do nosso estado futuro, atidos unicamente ao raciocinio, sem nos deixarmos demover por sentimentos supersticiosos ou levar pelos devaneios da phantasia.

Façamos uma segunda observação que nos parece da mais alta importancia, e que talvez se possa derivar de um trecho do Platão no Gorgias. Dissemos que o entendimento não alcança a substancia na sua totalidade e essencia, e agora accrescentamos que a simplicidade, a unidade, a continuidade de uma cousa só existem emquanto não são preza da meditação; quando porém a reflexão se apodera d'ellas convertem-se em uma serie intermittente de idêas elementares, cujos intervallos podem indefinidamente decrescer sem nunca serem annullados.

Assim, como á eternidade na realidade divina corresponde no entendimento humano a duração successiva, assim á continuidade do ser corresponde a serie intermittente de suas manifestações psychologicas.

A continuidade e a simplicidade da alma risidirão pois unicamente na idêa divina; — á consciencia phenomenal só apparecerão como serie de intuições successivas.

Não nos devem embaraçar esses deliquios da consciencia que se dão nas faltas de memoria, nas perturbações da intelligencia, nos desmaios, no lethargo e no somno. Porque a idêa da nossa alma, traduzida segundo as nossas posses intellectuaes consiste unicamente no conjuncto dessas intuições; conjuncto esse que embora se mostre fluctuante entre variados limites resume não obstante toda a sciencia que nós podemos obter do nosso ser.

Não se vá porém criar uma alma collocada no intervallo de duas intuições: não se forge uma alma inconsciente. Seria grosseira illusão. Essa alma que se phantasia superior á consciencia é realmente a idêa divina. Ora a idêa divina não se distingue da sua manifestação. São duas phases de um unico ser.

A alma substancial e continua é a alma tal qual Deus a considera, ou tal qual na realidade é.

A successão de intuições é a alma tal qual ella sepóde contemplar a si propria. Depois a manifestação constante da alma é tão necessaria como a sua essencia, e portanto não se póde annullar a primeira sem destruir a segunda; e essa manifestação está preza fatalmente ao tempo e á successão. Portanto, extinguir a consciencia da alma é destruir a sua manifestação, é aniquilar a sua essencia, apagar a idêa divina e cahir no impossivel e no absurdo.

O que parecer contradictorio n'estas assersões provém de se tomar o tempo como realidade ontologica e não como phenomeno interior.

Não affirmamos por modo algum que haja momentos em que a consciencia esteja completamente abafada e entorpecida. A consciencia é como luz, cuja intensidade póde ir indefinidamente afrouxando, e talvez não exista ente algum, — e tal é a opinião de Leibnitz, — em que não brilhe d'ella alguma centelha 4.

Mas não se julgue com Euler que no somno a alma está mais desprendida das idêas do corpo, se eleva mais acima da natureza material e que os sonhos que n'esse estado nos vagueiam na mente sejam a imagem fiel das visões que fruiremos no céo, porque a alma não póde estar isenta do corpo, porque essa isempção importaria tornar-se ella eterna e infinita, e passar da condição de criatura á de Criador.

^{1. «} No deliquio e no somno profundo, nota Burdach, a consciencia não está de todo suffocada, porque sobre nós actuam estimulos exteriores que nos podem acordar do lethargo. » Dão-se portanto em nós percepões, mas tão fracas, que as não póde apprehender a memoria. Todo o conteudo da nossa consciencia póde ser dividido em duas partes; uma que consta de intuições vagas sobre que se não dirige a attenção voluntaria e que difficilmente são recordadas; a outra sobre que actua a reflexão e que nos reapparece em reminiscencias.

No deliquio e no somno profundo a attenção, a vontade não existem. Nos sonhos são fraças e vacillantes. Por isso os sonhos nos lembram confusos na vigilia; mas não deixam ainda assim de constituir um mundo peculiar que a sciencia explica por estimulos produzidos segundo as leis da physiologia, mas que não obstante não podemos los produzidos segundo as leis da physiologia, mas que não obstante não podemos

Nas nossas vidas futuras as nossas idêas serão mais claras, a nossa intelligencia mais esclarecida; se pois nos recordarmos da nossa existencia actual, da nossa razão, da nossa vida, parecer-nos-hão cheias de trèvas e confusão. Este mundo e os mundos subsequentes que habitarmos, semelhar-se-nos-hão aos mundos dos sonhos quando tivermos subido aos mundos superiores; e verificar-se-ha a bella allegoria que Platão vermos subido aos mundos superiores; e verificar-se-ha a bella allegoria que Platão refere na «Republica»: Os que estamos n'este mundo somos como os homens da carefere na verdade eu de so viam as sombras das cousas. Os bem-aventurados dos mundos superiores verna que só viam as sombras das cousas. Os bem-aventurados dos mundos superiores serão como aquelles que á luz distinguiam as idêas em todo o seu esplendor. Essa visão porém nunca será adequada, nunca attingiremos a essencia da realidade, mas visão porém nunca será adequada, nunca attingiremos a essencia da realidade eu de Deus.

Não se julgue com Burdach que a alma, no somno, destacando-se da sua individualidade e absorvendo-se na substancia immensa, adquire maravilhosos dons e attinge mesmo os instinctos da prophecia; porque a alma não póde perder a sua individualidade, porque perderia a sua essencia, que, como vimos, é imperecedoura e eterna.

Se a alma deve estar perpetuamente ligada a um corpo; se deve perpetuamente habitar o espaço e o tempo, que impossibilidade ha, que depois d'esta vida ella vôe a outras regiões do espaço, que a morte não seja outra cousa mais que uma transmigração para os astros?

Muitos crêem n'essa possibilidade. Leibnitz é um d'elles. Mas é porque não seguiu até ao fim o curso das suas idêas, aliás veria que laborava em uma contradicção. Sendo o espaço a relação dos coexistentes (ratio coexistentium) dizer que duas cousas estão no espaço equivale a dizer que estão relacionadas entre si. Portanto o resuscitado no seu corpo glorioso póde ver o seu cadaver como objecto que lhe não pertence já, do mesmo modo que um membro amputado deixa de pertencer a quem soffreu a operação; mas o cadaver, o antigo corpo, e o corpo actual e glorioso não podem ser independentes um do outro; não póde haver hiato entre as suas duas vidas exteriores e phenomenaes.

O corpo glorioso deve apparecer-nos como dependencia, como producto do antigo corpo; até não ha rigorosamente producção, ha simples metamorphose comparavel á dos insectos. Assim, se não suppõem que a alma se transporta atravéz do espaço de um corpo para outro, figuram pelo menos que do corpo que morre sahe

um efluvio, um involucro que ella anima, o qual se introduz no corpo que nasce.

Vê-se como esta doutrina abre a porta á superstição, ás visões dos mortos. Basta isto para a refutar, sem carecermos de mais profundo exame, que não seria difficil fazer.

Com effeito uma să physiologia não reconhece em um corpo que morre principio algum que fuja, e admitte que sempre houve um facto material que desorganisou o corpo e o impossibilitou de exercer as suas funcções vitaes.

Por mais que alonguemos as vistas pelo abysmo do espaço até ás mais distantes nebulosas, do homem com quem tivemos tracto, só resta o cadaver que temos diante dos olhos, e a consciencia se tem de estar encerrada n'essas regiões, extinguir-se-ha com a morte do corpo.

Mas a alma em quem brilha uma vez a noção de Deus não perece. Para Deus é uma idêa eterna; em si, como ser finito, tem de animar um corpo que actualize as suas faculdades e habite no espaço. Ha pois um espaço differente d'este em que actualmente estamos, ha uma região diversa d'aquella em que vivemos que será a nossa mansão futura.

A alma não sahe d'este espaço nem penetra no outro porque as duas regiões não estão juxtapostas, nem dentro nem fóra uma da outra. Apprehendel-as pela imaginação na sua simultaneidade é impossivel; só perante Deus coexistem; porém cada uma de persi é não só accessivel a nossos orgãos, mas condição indispensavel para o exercicio d'elles.

O universo criado alarga-se assim prodigiosamente.

Depois d'esta vida habitaremos outro Espaço, onde nasceremos e morreremos, para começar n'outra Região uma nova existencia, e assim consecutivamente no decurso dos seculos sem fim.

Mas essas mortes e nascimentos serão cada vez mais incompletos e as nossas existencias consecutivas ligarse-hão umas ás outras pela reminiscencia das vidas anteriores, mas não pela parte da memoria que está sujeita ao corpo, porque esta necessariamente caduca. Póde ser que nas nossas existencias futuras convivamos com os que amámos sobre a terra; póde ser que o Christo continue a ser n'ellas, como actualmente, nosso seguro guia: mas a razão pintando-nos o teor d'essas existencias descáhe necessariamente para os vergeis da fantasia; só dous pontos póde affoutamente affirmar:

A lei do progresso obriga-nos a crêr que seremos cada vez mais perfeitos. Talvez a recordação do mal que fizemos nos contriste na outra vida e n'essa magoa se realise o purgatorio do Catholicismo; mas em breve o desejado aperfeiçoamento e a presença do bem suffocarão em nós o remorso.

Seremos cada vez mais perfeitos, mas nunca as nossas perfeições serão infinitas, por isso em todas nossas vidas nos aperfeiçoaremos, trabalharemos, soffreremos e gozaremos. E a existencia presente não é só uma preparação para uma vida melhor, é um gozo que tem importancia em si; bem como qualquer vida futura não é só uma fruição, é igualmente uma preparação para uma existencia posterior. O homem nunca deixará de soffrer, porque é finito; mas soffrerá cada vez menos, gozará cada vez mais, porque é perfectivel e immortal.

EPILOGO

the principle eligipate, att and the terminate of the property of the

THE DESIGNATION OF THE PERSON NAMED AND PARTY OF THE PART

TOTAL STREET, STREET,

Terminamos o nosso trabalho; e o leitor hade por certo ter estranhado que depois de discutir os dogmas não insistissemos sobre a sua efficacia moral. Pretenderiamos com mão impia derrubar as instituições santas para lançar os que nos attendessem no desespero da descrença?

— Ninguem que lêr este livro poderá formar de nós tal idêa. Somos um espirito isempto de preconceitos; mas somos uma alma religiosa. Acceitamos a Egreja, cremos na perpetuidade da sua missão, cremos que é inspirada do céo. Acceitamos a Egreja com tanto que ao lado d'ella estejam a liberdade e a critica.

Jouffroy em um artigo que fez grande impressão no seu tempo 1, mostra-nos a indifferença apoderando-se

^{1. «}Como os dogmas acabam» publicado no periodico o Globo.

insensivelmente de certas proposições theologicas. O illustre philosopho não viu bem, porque não viu tudo. O interesse passa da theologia para a philosophia, mas esta nunca deixará de se occupar de Deus e da sua providencia sobre o mundo; e aclarados os dogmas restitue-os á primeira quando muito modificados mas na essencia os mesmos.

Alfred Maury cujas tendencias materialistas deslustram a vasta erudição sustenta que a Egreja deixa adrede esquecer os dogmas que não pôde elevar á altura da illustração contemporanea. Illude-se o douto escriptor.

A religião penetra-se da philosophia como nós respiramos o ar; espontanea e irreflectidamente. Tornou-se insensivelmente aristotelica e platonica como talvez em breve se tornará kantista e hegeliana. A philosophia opera sobre a theologia do mesmo modo que, no parecer de Guizot, actuam sobre os governos o povo e a opinião publica. A sua influencia é indirecta mas immensa, irresistivel. Porém o que em politica não basta é sufficiente em religião. Não exijamos que a Egreja abandone os milagres, ou os mysterios, não a obriguemos a nenhum sacrificio, a nenhuma concessão; deixemos isto á acção do tempo e ás circumstancias; e ella será levada naturalmente a pedir á philosophia quanto baste para tornar o dogma civilisador, á poesia e ao symbolismo do que precisar para fallar á imaginação dos fieis.

Accrescentamos mais.

Cremos que de todas as religiões santas e veneraveis mais ou menos inspiradas por Deus, é a religião christã a mais augusta e pura; — cremos que de todas as seitas christas, é a catholica a que nos offerece mais garantias de duração. Temos fé nas promessas de Christo; Deus não póde frustar as esperanças ás quaes o seu filho predilecto votou a mais preciosa vida que tem apparecido sobre a terra.

Haverá uma época em que a luz do evangelho se derramará por todo o mundo; em que todos os povos se virão abrigar debaixo do pallio da Egreja. E cremos que esse successo se dará, seja qual fôr o proceder do papa e do clero, e foi por isso que dissemos que não havia sacrificio que exigir.

Ha unicamente um desejo que expressar.

Não dizemos em bem do papa e do clero; pois que vale o papa diante da Egreja, que importa o clero em face da humanidade? mas para accelerar essa grande propaganda religiosa, desejamos que o papa se despoje de todo o poder temporal, que o clero se dispa de todas as mundanidades, como unico meio de recobrar o antigo prestigio, primeiro no coração do povo, e pelo povo nos poderes publicos e em toda a sociedade.

Essa nova preponderancia da Egreja (que mais cedo ou mais tarde ha de vir) incutirá talvez de novo ambição no papa e no clero, e necessitará tambem nova reacção da parte do poder civil.

As luctas entre os dous poderes não hão de cessar; mas tornar-se-hão cada vez mais suaves; porque elles se irão cada vez mais aproximando e moralisando mutuamente.

Por seu turno o povo, por sua crescente illustração, por seu progresso continuo para o bem se avisinhará dos

seus mestres nas sciencias profanas e sagradas; até que o ouvir a voz que lhe brada no peito baste para ouvir sem intermittencia a voz de Deus.

Mas então será dispensada toda a predica; porque cada homem será sacerdote e mestre. Realizar-se-ha a pretenção de Schleiermacher ¹. Não haverá já clero distincto; mas tambem não haverá governos distinctos; cada homem servirá a si proprio de norma e de lei: porque se verificará então a promessa de Christo; a terra tornar-se-ha um aprisco de irmãos sob as ordens de um só pastor, mas esse Pastor será Deus que fallará plenamente ao coração de cada homem, porque em cada homem a vontade se confundirá com os dictames da caridade e da justiça.

Commission of the property of

A THE RESIDENCE OF THE PARTY OF

^{1.} Para a exposição da doutrina de Schleiermacher a que por vezes temos alludido póde se consultar Willm — Historia da philosophia allemã tom. 4.º pag. 348 — 392.

APPENDICE

This cours para cortidar asa majdado dirina careco-

THE BURNESS OF THE PARTY OF THE

ANTER WEST TO THE REST OF THE PARTY OF THE P

Sobre os milagres

Tudo quanto existe foi criado por Deus, mas a acção divina é permanente e perpetua sobre o mundo; e não ha factos em que seja mais directa, outros que dependam menos immediatamente d'ella.

O modo porque Deus produz a sua obra escapa á capacidade da intelligencia humana; porém na nossa razão ha a convicção firme que a divindade tem consciencia de si e do mundo, e que todos os entes criados convergem para uma realidade superior, que é o proprio objecto da divina intelligencia, em quanto está sujeita á sua contemplação, e o fim da sua vontade em quanto é o resultado d'ella.

A ligação de um facto individual com o fim supremo do universo não a percebemos nós; é certo porém que Deus vê em uma unica intuição esse facto e esse fim que elle tende a realizar, que effectivamente para si no presente realiza.

A multiplicidade de idêas identificadas n'essa unidade superior, bem que impossivel para as intelligencias que vivem na successão e no tempo, devêmol-a admittir em Deus porque é a consequencia logica e necessaria d'elle ser immutavel e eterno.

Mas como para estudar essa unidade divina carecemos de conceber n'ella attributos e faculdades, podemos admittir que Deus obra em vista de um fim providencial ou para realizar no mundo o summo bem, que fica sendo assim a verdadeira causa de tudo o que existe.

Por outro lado, por isso que os objectos criados concorrem todos a um unico fim e estão igualmente proximos da acção divina, devem os phenomenos naturaes apparecer-nos como cadeia ininterrompida de causas e de effeitos, sem principio nem fim. — Sem principio nem fim, porque suppor no mundo, em qualquer época principio ou aniquilamento, é suppor que n'essa época Deus obrava mais directamente sobre elle. — Cadeia ininterrompida de causas e de effeitos, porque a solução da continuidade d'ella exige a intervenção extraordinaria da divindade no mundo, em certos momentos, donde resulta que nos outros Deus estava mais afastado da natureza, governava menos de perto o curso das cousas, deixando-o entregue a agentes subalternos, quer fossem deuzes criados, quer forças inconscientes.

Ha portanto dous modos de considerar o encadeamento, a ordem natural das cousas: — Na eternidade ou tal qual se manifesta perante Deus. Ahi o summo bem apparece como causa e fim de toda a criação — Na successão dos tempos, como se revela ás intelligencias finitas, pelas quaes os phenomenos da natureza são attribuidos a forças determinadas e subordinadas a leis immutaveis, cuja descuberta, feita pela experiencia e pela investigação scientifica nos vae laboriosa e progressivamente patenteando a sublime harmonia.

H

Estas duas ordens de idêas ou antes estes dous mundos parallelos admittem-os todos os philosophos dignos d'esse nome; boa parte d'elles porém não reputa necessaria a harmonia da natureza material, antes crê que então se nos manifestam mais brilhante e directamente os attributos divinos quando se interrompe o curso ordinario dos phenomenos materiaes por milagres, ab eterno determinados no plano da providencia, em vista de realizar sobre a terra a moralidade e a justiça. A harmonia, dizem elles, na realidade não se destroe, sómente remonta a uma região superior; e o que nos parece falta de nexo e discordia, resulta de facto de sabias leis de um systema mais sublime do que o do mundo material.

E' especioso o argumento, envolve no entanto engano. Na realidade da idêa divina não se dão essas differentes ordens de factos. Unicamente as intelligencias imperfeitas que não abrangem a totalidade das cousas em

um só relance, carecem de n'ellas distinguir diversas faces, de as considerar sob diversos aspectos, de lhes marcar diversas qualidades e attributos. Porém a harmonia que reina no todo deve traduzir-se n'essas suas manifestações parciaes; e por isso affirmavam os escolasticos que qualquer ser é perfeito em sua especie; e tornou-se apophthegma trivial o dizer que na mais insignificante nonada resplandece a immensidade de Deus.

O mundo material deve pois tambem, senão reflectir os attributos divinos de um modo adequado, pelo menos não dar d'elles idêas falsas.

A sabedoria e a coherencia da intelligencia suprema revelar-se-hão portanto na inalterabilidade das leis naturaes, que nunca poderão ser violadas. Ora o milagre é sempre uma violação d'essas leis.

Não succede aqui o mesmo que acontece com os mysterios. Uma verdade póde ser superior á razão, não estar ao alcance d'ella sem a contradizer. Todo o facto que altera o curso regular das cousas, suppõe uma infracção das leis a que a natureza está subordinada.

Se um grave é sustido milagrosamente em sua quéda, é porque perdeu o seu pezo; mudou portanto de essencia, adquiriu nova essencia contraria n'esse ponto á que tinha. De ser o milagre transgressão das leis naturaes que se não podem transgredir, fica rigorosamente demonstrada a impossibilidade dos milagres.

A demonstração é irrecusavel e irrefutavel; comquanto por exigir demasiada abstracção de espirito seja pouco propria talvez a impressionar a maioria dos leitores.

Tentemos, pois, dar outra fórma ás nossas idêas. Se-

jamos menos logicos, mas mais accessiveis aos que só supportam leituras que se compadecem com a distracção.

Se os milagres infringem as leis naturaes que se reputam obra divina, o plano economico do mundo seria mais perfeito se, sem diminuir a somma de bens, Deus escusasse os milagres. As harmonias do mundo physico revelar-nos-iam só de per si a soberana intelligencia e sabedoria de seu auctor, ao passo que as do mundo moral, conjunctamente com esses attributos, demonstrariam a sua infinita bondade.

Para o homem illustrado existiam assim mais caminhos que o conduzissem a Deus. O mundo deixava assim melhor e por mais lados transparecer a divindade. Com a apparição do milagre perturba-se a placida investigação do sabio. A sua longa paciencia e o seu atilado engenho, firmado na convicção da immutabilidade das leis naturaes, iam descobrindo as maravilhas da criação; já o sentimento do bello lhe enchia de jubilo a alma vendo a arte com que era fabricado o mais microscopico insecto, a magestosa regularidade com que se moviam os mundos que povôam os céos. Já em tão bem combinado systema divisava um fim superior, o plano de uma Providencia que o seu sentimento moral revestia de um caracter justo e misericordioso; e eis que uma subita interrupção d'este admiravel encadeamento de factos vem destruir o fructo das suas fadigas, todas as suas crenças, todas as suas esperanças.

De que servem cuidadosas observações meteorologicas, se a oração de um padre póde mandar a chuva ás terras? Para que se hão de calcular os movimentos dos astros, se a voz de Josué os faz sustar em seu curso? Com que fim nos cançaremos em fastidiosas preparações pharmaceuticas e em repugnantes trabalhos anatomicos, se a saude se reconquista com offertas promettidas aos altares?

O homem que ama a sciencia difficilmente crerá nos milagres, e, se não os reputar absolutamente impossiveis, ha de exigir, para crêr na possibilidade d'elles, que se lhe demonstre que são indispensaveis na ordem moral; que sem elles Deus não podia fazer-nos conhecer a sua divina vontade, inspirando-nos os sentimentos do justo e do bom. Ora é o que ninguem ainda conseguiu demonstrar; ninguem nunca poderá conseguir.

O milagre não envolve preceito algum moral. Deus revelar-se-ha no milagre; concedamol-o; mas não como justo e bom: Deus revela-se no milagre unicamente como forte e omnipotente.

Ordenando no milagre Deus não diz: — Obedece-me, porque sou justo; obedece-me, porque sou bom, mas sim: — Obedece-me, porque sou forte; obedece-me, porque sou Senhor!

Mas é essa a voz do trovão ameaçando de nos fulminar; é a voz do mar na tormenta, da propria fera no deserto; é o rugido da força, o bramar do despotismo; é, quando muito, a fatalidade que obriga, sem dar direitos nem criar deveres.

Um Deus omnipotente embora mas injusto, se não fosse uma chimera absurda, seria um odioso oppressor. A força, o poder não tem jurisdicção no dominio da moral. A bella antiguidade já se mostrou indignada contra essas exigencias da omnipotencia. Esses caracteres de

rigida tempera que o stoicismo se aprazia em debuxar, inabalaveis ás ameaças dos deuses e dos fados, eram espelhos para os venerandos romanos, que tambem elles impavidos morriam nas ruinas da liberdade e da patria. E a Grecia applaudia phreneticamente ás queixas de Prometheu agrilhoado no Caucaso por Jupiter; os proprios deuses se enterneciam dos soffrimentos do filho de Themis, todas as sympathias eram para elle, mais nobre vencido e prostrado do que o seu poderoso tyranno no fasto e esplendores do Olympo.

Não se diga que o milagre é util porque n'elle Deus ordena sempre o bem. Quando se produz o milagre, temos ou não temos o sentimento moral; se o possuimos, o milagre é inutil, não vem confirmar, aclarar a inspiração do sentimento; antes é pelo sentimento (ninguem ousará contestal-o) que devemos aferir a validade do milagre.

Se o affecto para o bem é ainda em nós fraco, tibio e incerto, illustre-nos Deus, falle-nos á alma, corrobore-nos o desejo do bem, fortifique a nossa convição interior, mas não nos desvie das meditações santas com apparatos externos, não dê á moral um criterio estranho á moralidade, não deixando medrar, antes tolhendo as sementes de virtude que havia lançado em nossos corações.

Se não possuimos o sentimento, o milagre nunca nol-o poderá engendrar. Pretender o contrario, é resuscitar a doutrina de Vico fundada em superficiaes observações psychologicas. Não nos alleguem a educação das crianças, ás quaes inculcam habitos honestos com ameaças e estimulos antes de lhes mostrar os verdadeiros motivos

que devem fazer amar a virtude. Porque, se a essa cultura externa não corresponde certo desenvolvimento interior; se o solo que pretendemos enriquecer não tem as condições de fertilidade precisas; todos os nossos trabalhos serão vãos.

Na educação, como no restante das nossas obras, nada criamos, dirigimos unicamente, facilitamos o desenvolvimento do que a natureza espontaneamente produz.

A acção divina é pelo contrario completa, opera tanto no exterior como no interior, penetra em nossa alma; pois n'ella infunde todos os instinctos nobres, todas as generosas aspirações.

O exemplo adduzido é pois pouco favoravel á questão; e a comparação dos nossos mesquinhos processos com os que emprega a Providencia, é altamente injuriosa á sabedoria do Criador.

Mas o milagre não aconselha o bem: impõe unicamente a obediencia cega, irracional, sem permittir a mais leve reflexão sobre o fundamento da ordem. Submette-nos ao regimen debilitante do servilismo, e quando cessa, quando voltamos ao curso ordinario dos successos humanos, não achamos em nós a força de resistencia de que precisa a virtude para se oppôr aos empenhos dos máos.

Longe portanto de criar em nós o sentimento moral, o milagre suffoca-o ao nascer, porque não cabe a moralidade em almas escravas, e o milagre torna-nos escravos, na apparencia, de um deus phantastico, mas, de facto, de todas as tyrannias que se quizerem apoderar de nosso caracter vacillante e desnorteado.

Atrevamo-nos a dizer todo o nosso pensamento; cal-

quemos aos pés estolidos preconceitos. Ha na Biblia, n'esse livro que se diz santo, paginas medonhas. Quem não se horrorisa lendo o sacrificio de Isaac? Quem hoje reconheceria a voz de Deus na ordem barbara dada a Abrahão de sacrificar seu filho a um sanguinario nume? Pouco importa que o homicidio não fosse perpetrado. A ordem foi comtudo sempre da mais repugnante immoralidade. Não se zomba assim dos affectos humanos. O Deus de Abrahão podia comprazer-se a lançar as tentações e as incertezas nos corações dos homens; o deus dos christãos, o deus da razão illumina-os de claridade perenne, sem carecer da voz dos anjos, do fogo do Horeb, ou de outras ornamentações theatraes. Para que havemos de admittir essas estrondosas manifestações da divindade em nosso proveito, se ellas nos não podem melhorar; se, com mais efficacia e sem o estrepito d'essas ostentações miraculosas, Deus convertenos por um impulso interior?

Se pois os impulsos da consciencia são realmente o nosso verdadeiro guia, os milagres não tem razão de ser; se a vontade divina se revela com sufficiente clareza no intimo do nosso peito, todas essas visões sobrenaturaes não são de Deus.

III

Se a noção do milagre é inutil, se a sua existencia é absurda, como apparece elle sempre ao lado da religião? A explicação é facil. O milagre existe como existe o mal, como existe o erro, a ignorancia e a supers-

tição: não é obra de Deus, é producto espontaneo da imaginação humana.

O homem não se exaltou desde a pura animalidade até ao ser racional ennobrecido com a crença da divindade.

Desde que sahiu das mãos do Creador foi intelligencia e materia, coração susceptivel de generosos instinctos, entendimento capaz de sublimes concepções, mas fracos e vacillantes ambos. Ainda agora elevava o pensamento ao throno de Deus, á essencia da virtude, e lhes divisava a magestade no espectaculo do Universo e no plano da Providencia, agora já cançado do vôo arrojado do seu espirito, busca apoio na phantasia: as concepções condensa-as em idêas sensiveis; as aspirações em ritos e ceremonias.

A custo subiu tão alto, e foi breve o seu rapto; cêdo esqueceu as visões beatificas, d'ellas só lhe restaram vís escorias, formulas inanimadas a que se aferra como a ancora de salvação. Debalde; porque lhe não lembram já a significação e origem. Ahi apparece a superstição. D'ahi vem os psylacterios cheios de lições santas que os Phariseus atavam nos braços e na fronte, pensando ter assim cumprido o dever de orar — d'ahi a agua benta que sara a alma e o corpo, os exorcismos que expulsam os demonios e todo esse exercito de practicas tenebrosas com que se alimenta a credulidade popular.

A historia dos santos deve de soffrer com essas tendencias rasteiras. O Cyclo de legendas fabulosas com que a fertil imaginação do povo se apraz em cercar a vida dos grandes homens, assume um caracter particular quando se referem aos heroes da religião.

Não basta que um prégador seja sabio e virtuoso, é

mister que descenda de uma estirpe gloriosa, que appareça armado de um poder com que atemorise os fieis e sanccione a sua doutrina.

Eis-ahi o milagre, mas é porque tambem ahi está a superstição. Todavia a civilisação não lhe consente um pacifico dominio. A' sua luz os milagres recuam e escondem-se nas trévas. Não cessam, porque no mundo não cessa o mal, o erro, a ignorancia e a superstição, mas fogem do foco luminoso, dos centros expostos á vista de um publico illustrado, dos factos sujeitos a uma esclarecida discussão, e dispersam-se nas ultimas camadas sociaes e em successos obscuros e insignificantes.

Esse gradual desapparecimento do milagre mostra bem que elle nada tem de real, que é um producto da phantasia, que a intelligencia rejeita quando chega á virilidade e se acha fortalecida pela illustração.

Nos tempos primitivos do christianismo, quando ainda não eram faceis as communicações de povo a povo, os milagres abundavam por toda a parte. Roma espantava-se do que se passava na Judêa e na Syria; por seu turno a Asia menor admirava o que lhe contavam de Roma. Todo o exercito de Constantino viu uma cruz no céo; e Eusebio narra tão extraordinario successo, decorridos alguns annos (Vida de Constantino, liv. I cap. 28).

Hoje as cruzes no céo só apparecem em pobres aldêas a meia duzia de rusticos, segundo referem os jornaes devotados aos interesses do clero.

Actualmente ninguem se atreveria a pedir a Deus que prolongue as horas do dia; os eclipses amedrontam já pouca gente, mas os cometas ainda continuam a prognosticar pestes e revoluções. Já não se resuscitam mortos, mas saram-se ainda doentes. Toda a cura rapidamente operada é reputada milagrosa. Todo o facto mais raro é prodigio. Cahe de certa altura um homem e não se magôa, milagre! — salva-se outro a nado de um naufragio, — houve de certo intervenção divina. Se não houve invocação especial, Deus fica com o merecimento do phenomeno, porém, apezar de ser doutrina corrente dos theologos, que só Deus pode operar milagres, o povo prefere encommendar-se a advogados especiaes, cuja natureza lhe é mais accessivel e familiar e com os quaes tem mais estreitas sympathias.

O povo catholico tem ido povoando assim o céo, como a antiguidade ao Olympo de numerosos Santos ou deuzes subordinados a um deus superior. A cada um, como na mythologia pagã, pertencem attribuições especiaes; muitos mesmo se confundem com os predecessores. Esse fabuloso S. Jorge que caminha na procissão do Corpo de Deus com toda a bizarria montada no seu cavallo deriva-se, ao que parece, de Perseu; e as santas Felicidade e Perpetua são indubitavelmente o desdobramento da Perpetua Felicitas dos Romanos. E' porém forçoso confessar que os antigos magnates do Olympo possuiam muito mais efficazes virtudes do que os seus degenerados descendentes. As iras de Juno, de Apollo, de Diana eram muito mais terriveis do que os de qualquer santo do Kalendario christão.

Os pobres habitantes da Côrte celeste reconhecem quanto o augmento das sciencias lhes vai acanhando as faculdades; não se atrevem a invadir-lhes o dominio, e concentram a sua acção no que ellas ainda dei-

xam indeterminado e confuso. O que portanto a sciencia tem decretado e estabelecido, escapa á influencia sobrenatural; e a esphera miraculosa vai-se restringindo com o progresso da civilisação. E' acaso possivel que esta theoria que annulla, como dissemos, os milagres, não seja impugnada por todos os amigos do sobrenatural. Pois o eloquente Demaistre — cujo magico estylo me fascinou por tanto tempo a ponto de o reputar grande ingenho, mas que na actualidade apenas considero como um espirito tenebroso atravéz do qual passam brilhantes reminiscencias; — o erudito Demaistre não se peja de proferir estas singulares palavras: «Se ha uma parte da natureza fixa e inalteravel; outra existe mais flexivel. Se o clima da Siberia não se póde transformar no da Toscana; não roguemos que a Siberia se converta em apraziveis jardins. Baste-nos que Deus nos conceda estações propicias ás precisões da agricultura; contentemo-nos com pedir-lhe que ora nos dê a chuva, ora nos traga a bonança.»

Depois de tão ingenua confissão deverá a sciencia limitar-se a uma victoria incompleta? Não é possivel. O erro deve ser destruido até os seus mais fundos alicerces; e a verdade brilhar em toda a sua luz. «Nada ha em a natureza, diz Laplace, de vago e indeterminado. O grão de poeira que se balança aos raios do sol descreve uma orbita tão bem marcada como os astros mais importantes. A gota de agua que sobe do mar á nuvem, e da nuvem desce á terra, está sujeita a forças tão definidas como as que regulam a quéda dos graves, ou as revoluções dos mundos. A quantidade de chuva que cahe em um dado tempo em sitio certo está tão bem

fixada como o mais bem calculado eclipse. Subtrahir-lhe uma gotta seria tão grande milagre como confundir os orbes ou transformar os elementos. O que ha é muita ignorancia em nós; do véu que nos esconde a immensidade da criação apenas erguemos insignificantissima parte; mas para uma intelligencia mais instruida do que a nossa tudo poderia ser previsto porque tudo está decretado ab eterno por leis fixas e immutaveis.»

Aqui porém surge uma questão metaphysica melindrosa. E' a da determinabilidade dos futuros contingentes e da efficacia da oração. Afastaremos tão espinhoso problema, para o nosso proposito basta-nos a seguinte observação: — quando um homem ora com fervor pedindo a graça, a contrição, a virtude; está certo de ser attendido. Pois já tem a resolução de melhorar, e se essa resolução é tibia ainda e vacillante, repetindo a oração, ella se alenta e corrobora.

Aqui a oração é justa, é santa; é ella tambem uma graça especial e é saudavel o preceito de Christo: «orai para não cahirdes em tentação.»

Se porém alguem implora a Deus para si ou para outrem os bens terrestres, a saude, a riqueza, uma boa colheita ou o bom exito de qualquer negocio; não se está de modo algum moralmente aperfeiçoando; não se eleva a Deus. Deus não o ouve, não o póde ouvir. Essa oração é superflua e pueril. Seria com effeito demencia persuadirnos que Deus, que tem regulado à priori o successo que desejamos, o regulasse em vista da previsão de lhe ser por nós o nosso desejo manifestado.

Infelizmente dos devotos de hoje demasiados ha que semelham aos do tempo de Juvenal; e o beaterio su-

persticioso pende mais para a terra do que para o céo. E a grande macula da superstição não é tanto alterar a natureza do espirito como de desfigurar a essencia do bem. Mas é pecha fatal de toda a doutrina que não é fundada em principios philosophicos e racionaes, descahir para a adoração do simples successo.

O facto material apodera-se por tal fórma do crente supersticioso, que não lhe dá margem para nada mais enxergar além. O que existe offusca o que deve existir; o bem presente, o fim que nos cumpre procurar; a victoria suffoca a justiça, e a força impõe silencio á consciencia. A religião consola o que soffre, ajuda todos os homens como filhos de Deus, e esperançada na bondade divina resiste á iniquidade e á tyrannia.

A superstição reputa o desgraçado maldito, reconhece as desigualdades produzidas pela fortuna e pela violencia e faz-se instrumento de todas as demasias e despotismos, para que por seu turno elles se tornem instrumentos seus.

E' então que o monstro medonho attinge o auge da sua braveza. No seu antro de trévas parece ter chafurdado no tremedal de todos os vicios e de todos os crimes, englobando-os em si e distilando-lhes a peçonha para alimentar o seu furor. Já vae atravéz do espaço em busca de victimas que nutram a sua sêde insaciavel de sangue e de tormentos; e por toda a parte onde passa deixa após si o lamento de dôr ou o deserto e a assolação. E' a vertigem feroz dos Portuguezes trucidando no proprio recinto sagrado mil innocentes Mouros e Ju deus; a carniceria com que se infamaram os Francezes na lugubre noite de S. Bartholomeu; são os fachos in-

cendiarios dos circonciliões, os conselhos selvagens de S. Domingos, as fogueiras dos autos de fé e os horrores dos carceres da Inquisição.

Por não poder ser justo e sancto, o Deus dos milagres ha de necessariamente tornar-se violento e feroz. Não é o Deus que nos aconselha a obediencia pelo amor, que nos persuade a caridade e o sacrificio de nós mesmos á virtude e ao dever.

Os antigos apologistas para demonstrar a verdade da religião christã, sustentavam a realidade dos prodigios que acompanharam a sua instituição. Baldado esforço! Os milagres não se produzem com as condições que exige uma critica sisuda para os acreditar; porque elles só tem por testemunhas cabeças enthusiasticas ou credulas, incapazes de examinarem exactamente os factos de maneira a serem pela posteridade devidamente apreciados.

Os modernos racionalistas seguem melhor trilho; provam a divindade de Jesus pela sua sublime doutrina, pela excellencia das suas virtudes, e deixam os milagres no escuro ou os consideram como simples legendas, espontaneamente formadas pelas crenças pouco esclarecidas dos primeiros christãos, ou os reputam emblemas de verdades moraes, de resto muito mais importantes do que suppostas e passageiras transgressões das leis naturaes que não deixam após si rasto algum.

Conta o Evangelho que S. João Baptista mandára perguntar a Jesus se elle era o Christo, e que este lhe respondêra: «Os cegos vêem, os coxos andam, os surdos ouvem, os mortos resuscitam e os pobres evangelisam.» S. João poder-lhe-hia responder: «Não é por-

que os surdos ouvem, os cegos vêem, os mortos resuscitem, que vos julgo aquelle por quem esperavamos; é porque os pobres evangelisam, é porque prégaes o amor do proximo e o desinteresse das coisas terrestres, é pelas vossas divinas virtudes que vos reputo e Filho de Deus e o Redemptor do mundo.»



The state of the s THE RESIDENCE WAS TO SELECT THE PROPERTY OF THE PARTY OF

THDICE.

| CAPITULO I | |
|--|-----|
| A RAZÃO E A FÉ | 5 |
| CAPITULO II | |
| A CRENÇA NO INCOMPREHENSIVEL EM QUANTO ÁS | 32 |
| IDEAS | |
| CAPITULO III | |
| A CRENÇA NO INCOMPREHENSIVEL EM QUANTO AOS | 55 |
| PRINCIPIOS | |
| CAPITULO IV | 90 |
| DA MORAL E DA REVELAÇÃO | |
| CAPITULO V | 100 |
| A MORAL CHRISTÄ | 158 |

INDICE

CAPITULO VI

| O DOGMA | 236 |
|---------------------------|-----|
| I — A incarnação do Verbo | 239 |
| II — O PECCADO ORIGINAL | 256 |
| III — A REDEMPÇÃO | |
| IV — A TRINDADE | |
| V — A RESURREIÇÃO | |
| VI — DA EUCHARISTIA | 301 |
| VII — A VIDA ETERNA | 313 |
| Epilogo | 341 |
| APPENDICE | |
| SOBRE OS MILAGRES | 345 |







